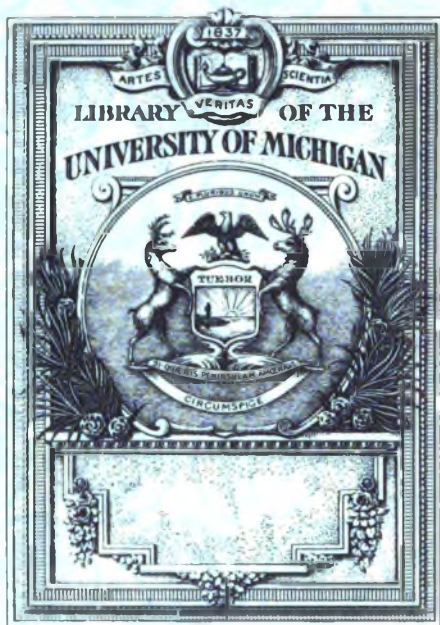
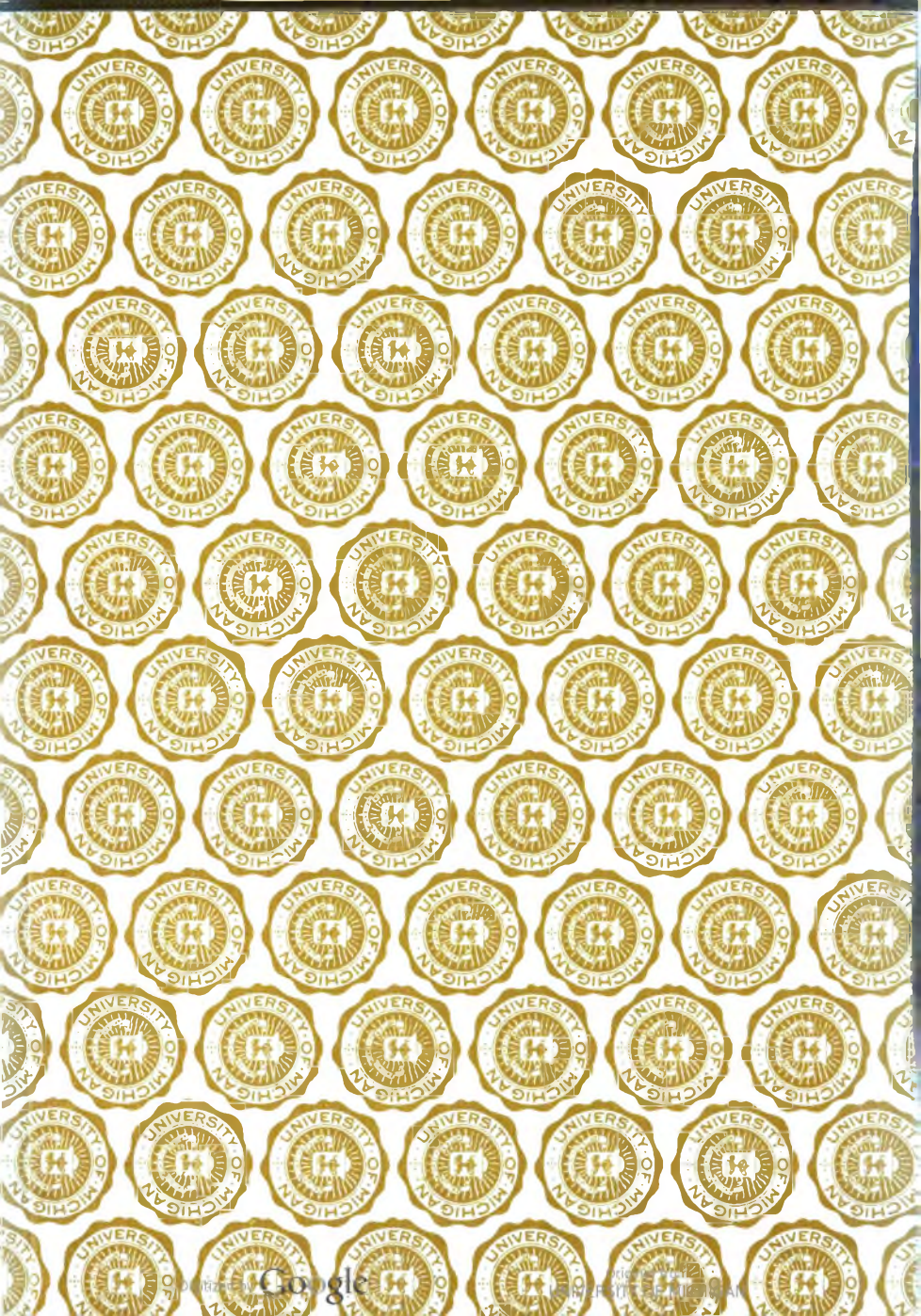


A 408664









G 7
133
. 138
G 72

DANIEL GOUVEIA

FOLK-LORE
BRASILEIRO



1926

EMPRESA GRAPHICA EDITORA
Paulo, Pongetti & Cia.
RIO

DANIEL GOUVEIA

GR
133

.B8

G7K

FOLK-LORE BRASILEIRO



1926

EMPRESA GRAPHICA EDITORA

PAULO, FORNETTI & C.

Avenida Mem de Sá, 67 e 78

RIO DE JANEIRO

57
133
134
135
136

Eos

Presados paes

**Um preito de estima
e gratidão**

Folk-Lore
Wahr
7-26-27
15427

INTRODUÇÃO

Esta obra não tem necessidade de muitas apresentações; como seu autor, não se enfeitará de galas, não terá attractivos que chamem a attenção e ficará portanto no esquecimento.

Consolo-me entretanto em estar com a verdade, em apresentar dados que não desmereçam credito, ainda que estejam amontoados, sem uma classificação systematica, e faltando quasi sempre um cunho scientifico.

São os primeiros passos, são passos vacillantes como os de quem tacteia nas trevas, são frutos ainda não amadurecidos que se colhem antes do tempo. Mas a vida é assim, e na longa trajectoria de nossa existencia, o homem não se apresenta perfeito, e é susceptivel de erros, de enganos e de faltas. Procurei afastar estes factores o mais que pude, mas elles me resistiram e no choque tremendo talvez tenha sido eu o vencido.

O assumpto é mais arduo do que a principio se pensa, e quando fugimos ao emmaranhado das

II

phantasias, é que vemos quanto os factos reaes nos fogem; busquei-os, procurei-os com afan, e descobri alguns que formam sem duvida uma pequena parcella.

Fugi ao habito de alguns meus conterraneos sempre propensos á phantasia e busquei mais o homem que a natureza.

*
* * *

O capitulo das superstições será sem duvida um dos mais importantes, e apezar de termos feito o possivel para apresental-o mais completo, não o conseguimos.

Eliminámos alguma cousa, e deixamos de trazer o que não tinha um uso bastante generalizado, ou que não consideravamos propriamente superstições.

Ha, por exemplo, a crença de que as pessoas que vêm um veado no dia de suas nupcias, morrerão; não inclui no capitulo, pelo motivo de não ter longo curso esta "sobrevivencia".

Entre os nossos indigenas era muito arraigado este modo de pensar, mas vemol-o igualmente na Europa!

"... Com effeito elles cuidam que em entrando algum veado num lugar em que está a gente e a gente não no matando, algum dos que estão ahi tem

III

de morrer; e ás vezes o diabo faz com que se cumpra o pensar delles, afim de que matem as gentes o veado que fôr sahindo.

Casou-se um christão um dia, e pelo terreiro estando a espaiarecer a cavallo junto com os seus companheiros, veio de repente um veado do campo escapando da morte que lhe queriam dar; entrou naquelle terreiro onde se achava o homem que se tinha casado, e si bem que a gente quizesse apanhal-o para o matar, comtudo o veado safou-se e foi-se.

Então um indio que se achava ahi entre os christãos perguntou com grande tristeza: "Qual de nós que estamos aqui é que tem de morrer esta noite?"

Assim disse o homem, e de noite falleceu o christão que se tinha casado." (1)

Interessante é a grande analogia entre esta, e a da Bretanha.

"En Bretagne, on croit à l'apparition fantastique de la biche blanche de sainte Nennoch; elle court, dit-on, la Bretagne à la tombée du jour, et c'est en vain que les chiens lui montrent les dents, que les chasseurs lui lancent des balles... Les marides qui l'aperçoivent le jour de leurs noces, sont sûrs de mourir dans la nuit". (2)

(1) Padre Antonio Ruiz — *Conquista Espiritual*.

(2) Pitré Chevalier, *Voyage in Bretagne*, cit por Sebillot.

*

* *

Agora, o meu fito principal é abordar a parte mais ingenua, mais sensível, mais agradável, e digamos a verdade, a mais desprezada: o folk-lore infantil.

As creanças em seus costumes nos revelam ás vezes cultos e tradições de seus antepassados, e nos seus cantos, simples quadrinhas, apresentam-se-nos ás vezes romances de eras remotas, que de diluição em diluição, soffrendo mudanças aqui e ali, chegaram a ponto de se tornarem quasi incompreensíveis!

Guardam os restos, o residuo do que lhes legaram os maiores, e servem de vehiculo á perpetuação dos costumes passados. . .

No folk-lore infantil acham-se taes ingenuidades, que eu até receio de publicar-as; mas não pertencem ás creanças, e se pode pedir dellas cousas que lhes sejam incompreensíveis?

Si geralmente toma-se a creança como ponto de partida de muitos estudos, si ella representa a humanidade na sua infancia, porque desprezar os seus jogos, folguedos e tudo que lhes é peculiar, por serem cousas sem importancia?

Não! Ellas merecem mais carinho, mais attenção, e estou bem certo que os homens mais austeros lendo, vendo e meditando, hão de sentir como que uma commoção: também já foram creanças, e felizes tempos que não voltam mais...

Qual o nortista que não se lembra de seus primeiros annos a fazer pequeninos curraes á guisa de imitação, tendo como *gado* uma quantidade extraordinaria de trapiás?

Pois se em tudo isto é interessante, o desdobrar de sua vida, as suas varias creações, não o deixarão de ser também.

Até certa idade, quando a creança está ainda sob as ordens de sua ama e não sente o contacto de seus companheiros, não é mais do que um prolongamento della, e não tem o cunho e originalidade genuinamente infantis; recebe a influencia do *maior*, e no seu cerebro pairam apenas como figuras apocalypticas os seres phantasticos, ruins, e seus eternos perseguidores.

Apparece a *Coruviana* á procura daquelles que se deitam nús, robustece-se o temor dos lobis-homens, dos olhos de fogo, e uma duzia de cousas mais. No momento porém que faz figura proeminente nas *assembléas*, quer sejam em um muro ou tronco de páu, na calçada ou em uma grande pedra, ahí podemos apreciar-lhes melhor as tendencias e aptidões.

VI

Ditos, quadrinhas às vezes inconvenientes, pégas interessantes, apodos aos nomes de alguns e mil cousas, são observadas a cada momento.

No caminho, quando aos grupos se dirigem para as escolas, cada um vae quasi que inconscientemente repetindo o que sabe e aprendendo o que faltava saber.

Surge então o conhecidissimo *B-A — BA*, com modificações em quasi todos os Estados, e com similares no estrangeiro.

B-a — Ba
— Passa p'ara cá
B-e — Be
— De cá o pé
B-i — Bi
— Passa p'ara aqui
B-o — Bo
— Corta cipó
B-u — Bu
— Para teu . . .

*

* * *

Dentre os apodos aos nomes, aquelle que se nos apresenta mais conhecido é ao *João*; isto, porém,

VII

não impede que haja aos outros, e da mesma forma,
em corrente uso.

Chama-se José?

— José Perequeté
Tira o bicho do pé

Manoel
Cabeça de papel

Pedro
Pedroca
Nariz de taboca
Comendo tapioca.

Vem então o

João Cambão
Perna de grillo
Costella de cão
Fogo, mais fogo
No... do João,

do qual mostraremos variantes no Brasil e em Portugal.

Var :

VIII

João Galalão
Perna de grillo
Orelha de cão (3)

Portugal :

João Garanhão
Perna de cão
Orelha de gato
Fugio p'ro buraco (4)

O companheiro apresenta-se com a cabeça raspada?

Cabeça pellada,
Quem foi que pellou?
— Urubú camarada
Comendo carne assada
No caminho da chapada.

Esta allusão feita ao *urubú camarada*, parte sem duvida da observação de que elle não tem pennas na cabeça.

Em Pernambuco este dito apresenta-se assim:

(3) João Ribeiro, Folk-lore, pag. 266.

(4) Theophilo Braga, Canc. Pop. Português, pagina 309.

IX

Cabeça pellada
Urubú camarada
Quem te pellou
Que te coma assada (5)

Rezam o “pelo signal” a' seu modo :

Pelo signal
Do bico real
Comi toucinho
Não me fez mal
Si mais houvesse
Mais comia ;
Adeus, seu padre,
Até outro dia.

Outro mais grosseiro :

Pelo signal
Do pé do gallo
Comi tripas e tudo
Não me fez mal.

O primeiro “pelo signal” é idéntico ao de Portugal, soffrendo apenas ligeira differença no quinto

(5) Pereira da Costa, Folk-lore Pernambucano, pagina 579.

verso; lá elles dizem “si mais me desse...” e aqui, “se mais houvesse...”

Cae, cae tanajura
Que teu pae stá na gordura,

é uma rima infantil bastante usada.

Logo após as primeiras chuvas, sahem uns enormes formigões com azas, que o povo denomina tanajura; a meninada e os grandes gostam immensamente de saboreal-as torradas ou crúas, dizendo terem o gosto de manteiga.

Em Pernambuco diz-se:

Tanajura cae, cae
Pela vida de teu pae,

e é extranhavel que o Snr. Pereira da Costa trazendo essa rima, diga que “collocam-se em baixo da arvore sobre a qual tem a tanajura o seu ninho (?) e com uma urupema ás mãos, pronunciando esta parlenda, se desprendem ellas e cahem sobre a urupema em quantidade tal, que immediatamente se enche do apeteccido insecto. (6)

O Snr. Pereira da Costa, estava mal informado!

(6) Pereira da Costa, ob. cit., pag. 57.

XI

Isto é birra
Quem toma tabaco
Espirra

e

O balão queimou
Duma banda só
O sino repicou
No... da avó,

são também rimas infantis, bastante conhecidas e usadas.

Existe uma quadra cujo maior interesse está em ter-se generalizado por todo o paiz, soffrendo ora pequenas, ora profundas modificações; n'umas apparece sempre a personagem historica, e noutras já não é a mesma.

Convenhamos que a quadra primitiva seja a seguinte :

Garibaldi foi á missa
Num cavallo rebollão
O cavallo deu um tópe
Garibaldi foi ao chão.

O snr. João Ribeiro citando-a, diz "que a julgar pela personagem historica a que allude, não pode

ser antiga e parece que foi introduzida pelos italia-
nozitos, etc." (7)

Sylvio Romero recolheu também esta quadrinha,
modificada, é certo.

Garibaldi foi á missa
No seu cavallo *lasão*
O cavallo *estrupicou*
Garibaldi foi ao chão.

Garibaldi já morreu
Já foi dar contas a Deus
Da farinha que comeu
Da cachaça que bebeu (8)

No Ceará, Garibaldi desaparece, e vemos *Za-
bellinha*.

Zabellinha foi á missa
Num cavallo sem espóra
O cavallo deu um tópe
Zabellinha saltou fóra.

Zabellinha foi á missa
Num cavallo rebollão

(7) J. Ribeiro, ob. cit. pag. 264.

(8) S. Romero, Estudos sobre a Poesia Pop. no
Brasil, pag. 232 e vide "Os Nossos Brinquedos" pag. 295.

XIII

O cavallo deu um tópe
Zabellinha foi ao chão.

Si vão jogar qualquer rebôllo, uma pedra, etc.,
surge logo a enumeração adequada:

Una,
Duna,
Tena,
Catena,
Sou bico de penna,
Carapáu
Carapina
Tim-tim
Conta bem
Que são dez.

Este jogo infantil é usado em Hespanha, se-
gundo regista Rod. Marin:

Una,
Dona,
Tena,
Catena,
Estando la reyna (9)
Etc. etc.

(9) Rod. Marin, Cantos Pop. Españoles, V. 1
pag. 69.

XIV

Ha uma versão açoriana que muito se assemelha á nossa.

Belleleco, belleleco,
Vem aqui por este becco,

dizem quando sahem em carreira desabrida, e

Birimbau
Birimbau de pau
Quem não tem de pau
Toca no de breu
Quem não tem de breu
Toca no meu!

é uma parlenda muito em voga entre as creanças.

As parlendas “amanhã é domingo” e o “dedo mindinho” estão já bastante estudadas entre nós.

Amanhã é domingo
Pé de cachimbo
O cachimbo é de ouro
Dá no besouro
O besouro é valente
Dá no tenente
O tenente é valente
Dá nesta gente.

Essa é a versão cearense, e distancia-se da colhida por S. Romero. (10)

O jogo do “dedo mindinho” é assim:

Dedo mindinho
Seu visinho
Maior de todos
Fura bolos
Cata piolhos...

*
* * *

Agora, vejamos um divertimento bastante usado:

Teu pae matou porco?
— Matou!
Teve medo?
— Não!

O que pergunta — faz gesto de enfiar os dedos nos olhos do interrogado, e si este os pisca: . . . “teu pae teve medo!”

(10) Sylvio Romero, *Cantos Pop. do Brasil*, 363, e vide J. Ribeiro, *ob. cit.* 180.

*

* *

E' muito commum entre as creanças, pospor certas terminações ás syllabas ou palavras, formando *trabalenguas* incompreensíveis para quem não estiver acostumado.

Como vae será a phrase tomada por nós, e a traduziremos de diversas maneiras.

1.º Com-go-loro mo-go-loro va-ga-larae?

2.º Com-fom-rom mom-fom-rom va-far-rae?

3.º Com-pom mo-po va-pae?

Existe ainda alguma cousa mais entre nós, e neste genero ha *trabalenguas* em Cuba, por exemplo: Tu sabes la Jerigonza?

Tú-guru sá-gara bés-guere lá-gara Jé-guere ri-guiri gon-goro zá-gara? (11)

*

* *

Um dos divertimentos muito interessantes usados pelas creanças são as *pégas*, que consistem em empulhar o companheiro, seguindo-se uma vaia.

(11) Pichardo, Dic. Prov., in Rod. Marin, ob. cit. vol. 5 pag. 36.

XVII

Por exemplo, muitos meninos estão brincando, um delles destaca-se e diz a algum menos preavido:

Fulano, olha aquillo!

Verdadeiramente não é nada, e o empulhador diz para o logrado:

M... de gato, p'ra quem espiou
Dôce de côco p'ra quem enganou

ou então:

Urubú g... no olho!

olhando para o tecto, um diz:

Fulano, olha isto!
— Pucha rama, boi!

E' interessante essa expressão; o gado geralmente á busca de rama, vê-se na emergencia de levantar bastante a cabeça para apanhal-as, e eis o motivo porque dizem os meninos: Pucha rama, boi.

Além dessas, existe as de forma simples.

“Deixa eu ver?
— Não tem veia

XVIII

“Que é isto?”

— Chouriço

“Que horas são?”

— E' uma devoção

ou

Falta dez réis p'ra meio tostão.

“Não é nada.

— Quem nada é peixe.

Vemos ainda certas cousas que, posto não sejam pornographicas, são entretanto menos limpas, e si ha alguma graça ouvindo dizel-as, perdem quando escriptas.

Nos outros divertimentos, nos jogos propriamente ditos, ainda as creanças nos apresentam singularidades assás interessantes.

Si em algumas dellas não vemos mais do que transplantações das européas, noutras vemos um cunho genuinamente brasileiro; não resta duvida que, estas são mais raras, não só pela pequena parte herdada dos indigenas e que sobreviveu, como tambem, pela fraqueza do nosso producto ethnico — o mestiço, neste ponto de vista.

XIX

A parte em que elle tem papel saliente é na poesia, isto mesmo na lyrica, porquanto nos poemas heroicos, nos *romances*, não temos sido mais, geralmente, do que meros *transformadores*.

*
* *
.

Duas especies de jogos de mãos existem, aliás muito interessantes, dos quaes, conheço de um variantes em Portugal e Hespanha, e do outro, nada vi até agora semelhante.

Um grupo de creanças estende as mãos em forma de circulo, e uma dellas enumera :

“Canivetinho
Do pinta-um
Passou p’ra baixo
De vinte e um
Mingorra, mingorra
Tua mão está forra.”

Essa formula não só apresenta duas analogas no norte, como dellas é a mais incompleta, pondo-se em contacto com as européas donde deve ter provindo. E’ a versão do Ceará, e as outras correm em Pernambuco, segundo Sylvio Romero.

(Pernambuco) :

“Canivettino
 De Pintainho
 Que anda na barra
 De vinte e cinco
 De cacho de fulô
 De bão, bão, bão,
 De bom, bô, bô
 Levanta-te mouro
 Que TU sois fôrro (12)

Este jogo, conforme dissemos acima, encontra-se em Hespanha e Portugal, e transcrevemos para o leitor fazer um juízo mais completo.

“Pinto, repinto
 Vendió las cabras
 A’ veintecinco
 En que lugar?
 — En Portugal
 En que calleja?
 En la Moraleja,

(12) Sylvio Romero, Cantos Pop. do Brasil, pag. 360; of os Estudos sobre a Poesia Pop. do Brasil do mesmo autor, pag. 239, onde se acha uma variante mais completa ainda.

XXI

Agárrate, niña,
De mis orejas (13)

Em Portugal:

Pintolo minto
Que vend'a vaca
A tint'ecinco
Forolo mouro
Que tu és touro
Viva a faca
Da comarca
Etc., etc. (14)

Do mesmo modo que o "Canivetinho" brinca-se o seguinte:

"Meu compadre Mané Fernandes
Bote culpa no seu filho
Que passou por minha porta
Com uma cabra morta.
De Guiné, de Guiné
Meu compadre bode é."

Formando-se um circulo e estendidas as mãos, um dos meninos vae pronunciando as palavras e to-

(13) Rod. Marin, ob. cit. vol. 1, pag. 50.

(14) A. Coelho, in Rod. Marin.

XXII

cando nos dedos; naquelle em quem cahir a ultima palavra, será eliminado e assim por deante até o ultimo.

*
* *

Ha tambem um divertimento que consiste em collocar as creanças, as mãos sobre as outras, e vão dizendo:

Bico, bico,
Seririco
Quem te deu
Tamanho bico
Foi o ouro
Foi a prata
Metta a mão
No seu sováco.

Incontestavelmente é de origem portugêsa, achando-se entretanto modificado e incompleto; pode ser que em outros Estados elle se apresente mais fiel ao usado além-mar, sendo esse que trago, a versão cearense.

Do outro lado mesmo, as variantes são quasi extremes.

Transcrevo a versão portugêsa consignada por

XXIII

Theophilo Braga, para que os leitores possam fazer
uma idéa mais exacta do que digo.

Sorrobico
Massarico
Quem te deu
Tamanho bico?
Foi Nosso Senhor
Jesus Christo.
Bicho vae,
Bicho vem,
A ganhar
O seu vintem.
Os de ouro,
Os de prata,
Este entra
P'ra buraca.
Piolho na lama
Pulga na cama,
Dá um pincho
Põe-se em França. (15)

*

* *

Ha uma outra diversão que consiste em se ap-

(15) Theophilo Braga, Canc. Popular Português,
pag. 287; o mesmo auctor traz uma versão gallega.

proximar a creança de uma maior a quem chama avózinha, afim de pedir braza

— Abençam, minha avózinha

“Deus te abençoê, meu netinho

— Minha avózinha me empresta um tição de fogo para accender meu cachimbo?

“Vou ver!

Ahi, a pessoa que representa a avózinha fricciona as mãos com força, e quando se acham bem quentes colloca nas faces do netinho, o qual faz movimentos nos labios, como si de facto estivesse a tirar baforadas... (16)

*

* *

Ha muita cousa ainda desde o *cabra cega* conhecido em Hespanha e Portugal, donde nos veio, até o classico *quatro cantos*, a *bolotinha de cabra*, etc., etc.

Bocca de forno?

(Côro) Forno

Tirando bolo?

(Côro) Bolo.

(16) Cf. Tylor, *Civilisation Primitive*, Vol. 1 pagina 88.

Jacarandá?

— Dá

Onde eu mandar?

— Vou

Reman, Reman, etc.

e o

Bom barquinho

Bom barquinho

Deixará passar

Carregado de filhinho

Para a cabra te criar

Xô-Xô, passará

O derradeiro ha de ficar,

são muito conhecidas, e bastante usadas pelas creanças.

*

* * *

Divertimentos muitos que requerem estejam os meninos em assembléa, sentados, e outros em movimento; neste ponto sim, ha cousas genuinamente brasileiras como o cururú, o veado, a carnaubeira, a melancia, etc.

XXVI

São assumptos que devem ser tratados em livros especiaes, e portanto furto-me a fazer-lhes a descripção.

Resumbra em tudo isto poesia, arte e intelligencia, que deve ser aproveitado pelos amantes das cousas brasileiras; como humilde operario, ao toque da *Santa Missão*, contento-me em ter contribuido com uma pequena pedrinha...

SUPERSTIÇÕES

O capítulo immenso e sombrio de nossas superstições está ainda por explorar. Quasi todos os nossos "folk-loristas" detêm-se a pesquisar origens de quadrinhas, a esmiuçar anedotas de nossos sertanejos, etc., e deixam para o ról do esquecimento um dos assumptos mais importantes, e pelo qual poder-se-ha aquilatar o grau de adiantamento de nosso povo.

Quasi todos, repito, e não me engano. O proprio Sylvio Roméro, o fundador destes estudos entre nós, e que com maior carinho, amor, talento e cultura entregou-se a elles, passou levemente pelo assumpto. "Escreveriamos um volume inteiro, se fôssemos a descrever as da especie que temos presenciado", são palavras do grande brasileiro. (17)

(17) Sylvio Romero, Cantos Populares do Brasil, Int. VII.

Do mesmo modo Couto de Magalhães, não dando talvez muita importancia ao assumpto, estampou nas paginas d'*O Selvagem*, 113:.. "Si me fora dado entrar na analyse das superstições populares do Brasil, o leitor veria que essa acção do cruzamento se revela em factos moraes muito mais extensamente do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas, porque, como diz um escriptor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de serem observados".

E' pena que o snr. Couto de Magalhães não tivesse entrado nesta analyse. Si o houvesse feito, os indianistas afferrados veriam quanto devemos pouco ao caboclo!...

Pereira da Costa deu publicidade ao seu "Folk-lore Pernambucano" no tomo 70 da Revista do Instituto Historico, e apezar de algumas faltas suas indesculpaveis, é obra de valor. Os actuaes como João Ribeiro, Gustavo Barroso, etc., etc., todos têm comprovada competencia, porém passam ao largo quando topam as superstições. De todos, o que mais afoiteza revelou, estando errado, foi Mello Moraes Filho. Em 1886, quando publicou os "Ciganos no Brasil" espresava-se:

“Entre as raças existentes no Brasil e as colonizadoras, as relações religiosas são tão disparatadas como a aproximação dos dois typos zoológicos, completamente extremes — o branco e o negro. O caboclo bravo, sem a menor idéa de Deus, como attestam os chronicistas; o negro idolatra no periodo mais atrasado da escala dos cultos, protestam contra um ideal definido no regime espiritual.

.....

“O indio e o negro, no nosso modo de entender, contribuíram apenas para a nossa mythologia popular, o que se verifica com a crença do *Caipora*, das *Uyáras*, do *Sacy-serêê* e dos *Dongás*.

Enquanto a superstições propriamente ditas, augúrios, encantamentos e rezas, a colaboração portugueza é evidente, apesar de pouco avultada. Um factor, porém, com o qual nunca contamos — o cigano — parece-nos ahi representar o principal papel, mais de accôrdo com a indole e tradições da raça, com seu character mysterioso e remoto.” (18)

Mello Moraes opinava que os ciganos

(18) Mello Moraes, *Os Ciganos no Brasil*, pag. 54 — 1886.

fossem os maiores contribuidores para a formação da immensa caudal de nossas superstições, e querendo comprovar o seu modo de vêr, citou algumas, em uso pelas nossas populações. Foi infeliz na escolha, pois justamente as poucas que registou, são universaes!

Vemol-as do Alaska á Patagônia e de Lisboa a Macau. Sou dos que pensam devermos pouco ao indio, alguma cousa ao negro, e quasi tudo ao portugûes.

Para pesquizarmos as nossas tradições, os nossos contos, historias, lendas, etc., não temos necessidade de buscar outras partes que não a Peninsula. O resto, são velleidades. Depois convenhamos, naquelles tempos estava muito em moda elogiar-se um tal ou qual povo.

O indio indolente, que ainda se encontra no alto norte e centro do paiz, foi então cantado por sua agilidade, valor e heroismo. Do negro, tiraram e encobriram as suas vis paixões, suas miserias e fraquezas; todas estas qualidades foram postas de lado, e nol-o apresentaram como um martyr, um innocente a soffrer as duras vergastadas nas senzalas. E do Portugûes?

Ah! deste encobriram todos os sacrificios, todas as abnegações, a grande influencia

sempre exercida, tiraram, digo eu, tudo que lhes abonava a conducta, e nos apresentaram os defeitos! Era o *gallego*, o *marinheiro pé de chumbo*... etc. E tudo isto repugna; si havia alguma necessidade de occasião, perde comtudo quando se estuda á luz dos factos e da sciencia.

O Snr. Mello peccou por excesso de nacionalismo! Demais, de uma forma indirecta, era o maior elogio que se fazia aos lusos, quasi negando a sua contribuição em nossas praticas supersticiosas, pois bem sabemos que, quanto mais um povo é barbaro, mais rico de feitiços, para empregar bem o termo.

A peninsula iberica integralmente, é o maior fóco de superstições entre as nações civilizadas, e não tinhamos necessidade de pedir a ciganos *estas bellas qualidades*. Quanto mais estudamos o nosso povo, e mais comprehendemos o seu viver, podemos aqui latar o quanto de portugûes existe em suas tradições.

E estas são quasi immutaveis; permanecem ainda que estagnadas na alma de nosso povo, e caiam céos e terra, perca o Brasil a lingua portugûesa, mas ellas ficarão como estigma indelevel de sua passagem!...



Dentre as 10 superstições que o Dr. Mello citou para provar a influencia cigana, destacamos tres.

1.^a “Quando se vê vagar dentro de casa uma borboleta preta, é mau agouro; e para conjural-o, é preciso a gente benzer-se e per-signar-se tres vezes.”

2.^o “O *canto* do sapo é desgraça tremenda, que trará o luto a todos; principalmente se este animal apparece em casa ou no quintal.”

3.^o “O uivo do cão a deshoras é agouro; parente que está a morrer ou em perigo.”

A primeira é conhecida em Portugal e Hespanha, e entre nós de norte a sul. No Ceará uma borboleta preta na parede significa chuva.

Quanto a segunda, não posso crer que os ciganos tivessem influido na India, desde tempos immemoriaes, nem tampouco transmittissem aos nossos indigenas nos primeiros annos de colonisação.

Entre elles, era arraigado o temor da morte, quando o canto do sapo se ouvia.

Vejamos para exemplo uma passagem da Conquista Espiritual do Padre Antonio Ruiz... “De egual maneira, em entrando algum sapo na canôa ou no navio cuidam elles atôa que algum dos que estão dentro está prestes chegado no fim de sua vida. Na verdade como estivesse eu embarcado junto com uns 20 homens, ouvio-se durante uns dois dias o rosar do sapo, e como eu sabia do medo que tinham os homens, puz-me a observar o que faziam.

Eu reparei logo que elles ficaram immediatamente todos tontos; elles não descansaram de procurar o sapo, porém não no acharam. Ficaram realmente todos amedrontados os homens, porém como fossem christãos novos por medo e respeito de mim não deram a conhecer as suas afflicções.

Depois de algum tempo tendo adoecido de febre e dores de cabeça alguns homens, e não obstante os ter eu sangrado no braço morreram uns quatro.”

Quanto ao ulular do cão, será suspeita qualquer citação dentro de nosso paiz, e recorreremos a estranhos. “Se o muiéu (mabéco, cão do mato) ladra de noite, é certo que

morre alguém da família de quem o
ouve. (19)

Consiglieri Pedroso nos seus registos
ns. 102, 133 e 395 traz:

(a) Quando um cão late á noite, é por-
que está para fugir algum filho da casa
paterna.

(b) Quando um cão cavar no solo ou
na porta, é signal de abrir-se uma sepul-
tura.

(c) Quando late um cão no sitio onde
houver alguém doente, é signal de morte para
o enfermo.

Tylor, baseando-se em Wuttke, diz que
o camponez allemão affirma com uma sin-
gular ingenuidade que si um cão ladra á
noite baixando a cabeça, prediz a morte, mas
se alevanta o doente recupera a saude.

... Os judeus e os musulmanos entendem,
ouvindo o ulular do cão, que o anjo da morte
vem cumprir sua terrivel missão. (20)

Estas crenças, acrescenta Tylor, sub-
sistem em nossas superstições populares; nos-
sos camponezes crêem ainda que os animaes
vêm os espiritos e que o ulular melancolico

(19) Augusto D. Carvalho, Hist. e Ethnogr. dos
povos da Lunda.

(20) Eisemenger, *Judenthum*, I, 872 cit. por Tylor.

dum cão significa que a morte está nas visinhanças. (21)

*
* * *

Ha muita gente que, quando escreve sobre os costumes de nossas populações ruraes, se colloca sempre nos pólos extremos. Uns torcem a verdade e procuram mostrar custe o que custar, a *grandiosa intelligencia*, a *resistencia hercúlea* de nosso sertanejo, matuto, caipira, etc. Outros mostram a sua estupidez, fraqueza, e incapacidade physica e moral.

Ficamos neste cyclo vicioso, neste vaim, nesta ninharia digo melhor, e aquillo que tem importancia real é atirado a um canto por descuido ou ignorancia!...

E porque? Pela lei do menor esforço, resultando cada um repetir cousas já ditas. Não! Francamente não posso ser sectario deste modo de pensar, e todas as minhas observações serão pezadas com a maxima serenidade, reflexão, e dadas a lume com o maior cunho da verdade.

(21) Tylor, *Civilisation Primit.* V. 2, Cap. XV pagina 256.

Sou inimigo de mythologias forjadas, como esta cabelluda mentira de *Vaquejada* parecendo uma batalha medieval, ou cousas semelhantes de que andam eivados os livros, mas que jámais seus autores presenciaram!...

Sou amigo de meu povo, vivo com elle, e julgo, prestar-lhe maior affecto trazendo suas verdades, do que repetir invencionices que não reagem á menor critica. Já se foi o tempo dos indianistas afferrados, africanistas lacrimejantes e ciganistas reaccionarios sem fallar na enorme chusma de regionalistas a puchar cada um maior gloria para o seu gaucho, tabaré, etc., etc.

As invencionices partiram a maior parte deste tempo. Mas porque o *Magister dixit* devemos repetil-os na integra? Escoimal-os seria obra mais patriotica.

*
* * *

Antes de entrar na parte das superstições chamadas vulgares, aquellas que pelo seu uso constante são notadas e observadas diariamente, faremos uma pequena divagação sobre como se interpreta os phenomenos atmosphericos.

Sem querer lembrar que em paizes super-civilizados subsistem as mais desparatadas e repugnantes superstições, para servir isto de pannos mornos ás nossas, digo que aqui são encontradas muitissimas, e que as vemos muito mais a maneira que levantamos o *panno de bocca*, que neste caso, significam os nossos escrupulos e receios... Começo portanto pela abobada celeste que chama muita attenção.

Tylor referindo-se ao assumpto diz: “Os indios da America do Norte, e os insulares do Pacifico têm de algum modo, modelado sua cosmologia sobre os pensamentos infantis mais simples, e imaginaram uma terra plana encoberta pela abobada solida do céu”. (22)

O nosso povo, o nosso sertanejo tem esta concepção, e creio que muitos outros não têm pensamento diverso... A nossa gente é inimiga radical de concepções abstractas, e as mais das vezes quando começa a assimilar qualquer motivo que fuja do commum, ainda que não se aproprie, procura dar uma feição material, objectiva. São factos diarios.

Sobre a origem, desenvolvimento ou decadencia da ingenua concepção dos diversos

(22) Tylor, Civ. Primit. Vol. 2 pag. 91.

phenomenos metereologicos, não ousou pesquisar; não só por ser o assumpto delicado e escapar aos meus conhecimentos, como também voluntariamente fugindo ao habito de nossos *savants* sempre propensos a deducções temporãs. De que serviria escrever paginas inteiras de cousas semelhantes africanas e indigenas, para no final de contas apresentar meia duzia de cousas que subsistem no nosso povo? Parece mais razoavel mostrar o que é nosso no momento actual, e o resto virá depois.

*
* *
*

Que concepção tem pois a maioria dos sertanejos sobre o ceu? A mesma que as creanças.

O enorme vacuo que se estende por sobre nossas cabeças, e que nos apparece azul, é solido, espesso, uma forma de vidro. A porta de S. Pedro é pequena, e um homem não pôde entrar em pé; muitos já viram! As nuvens são feitas com uma especie de cascalho, e quando tem bebido muito no mar, rompem-se; si porém correr perigo de um diluvio, Deus em

cumprimento de sua promessa, manda o arco-iris, que as chupa.

O trovão é o grito do Homem quando se acha zangado. Muitas e muitas cousas guardadas por nosso povo, tradições, usos e modos de pensar, hão de ficar talvez eternamente esquecidos porque não estamos tratando com selvagens, e falta-nos a devida coragem para divulgá-las.

A ignorancia é grande...

*
* * *

O sol não resta duvida, desempenha papel menos preponderante que a lua. Apesar de conhecerem sua grande influencia vivificadora, a sua necessidade, no entanto por uma influencia ethnica, por tradições irremovíveis, si assim posso dizer, o primeiro lugar cabe á *encantadora deusa* sempre lembrada pelos poetas...

Rarissimas são as quadrinhas que se referiram ao sol, decantando-lhe a grandeza ou pedindo seu bafejo tutelar, o que não se dá com a lua. O Snr. Leite de Vasconcellos, "Tradições Populares de Portugal" no capitulo sobre os astros, entre as demais cousas, cita

algumas quadras relativas ao sol, nas quaes diz o autor ser o astro-rei verdadeiramente humanizado.

O Snr. Leite pertence ainda á escola de Max Muller, Gubernatis, etc., etc., e, uma vez que tem seu "credo" póde fazer suas interpretações.

Deixando os commentarios de lado, mostro sua quadrinha:

"O sol quando nasce, é rei.
Ao meio dia é morgado
De tarde está doente
A' noite está sepultado."

Esta quadra se encontra com ligeiras modificações nos Cantos Populares do Archipelago Açoriano, pag. 78, Th. Braga, e finalmente a vemos em corrente uso no Ceará, já diferenciada um pouco de ambas.

Eil-a:

"O sol quando nasce é rei.
Ao meio dia é morgado
A tarde é fallecido
E á noite é sepultado."

Quanto as referentes á lua, são conhecidas de mais, e deixo de trazel-as.

*
* * *

A morte é apresentada com a machadinha ás costas, immolando aquelles para quem ha chegado a ultima hora.

Lembro-me bem que uma vez indo ver um *anjinho*, escutei duma mulher que lhe indireitava a cabeça no caixão: ainda está com a cabeça molle da pancada!

Indagando eu, como desentendido, ouvi: “Pois não sabe que a morte dá uma pancada com a machadinha?!”

A *côrte celestial* na imaginação popular, vale um poema, e é sem duvida mais vivificante e consolador do que as nossas investigações modernas...

*
* * *

Ha palavras que não devem ser ditas, pelas consequencias desastradas que podem acarretar. *Damnado*, o Senhor vira as costas tres dias para aquelle que pronunciar.

Miseria e *desgraça* por sua vez, tem uma triste historia.

Um rapaz muito trabalhador, ganhava seu vintem cortando lenha. Por qualquer aborrecimento chamava a tudo e a todos miseria e desgraça. Debalde as pessoas amigas pediram para que abandonasse este mal costume. Bella manhã, disposto como nunca, tomou o machado e encaminhou-se por um varadouro, atravessou bamburraes, e chegou ao seu acostumado sitio. Mão á obra, mas... qual não é seu assombro vendo que o machado nada fazia na arvore. Colerico, indagou de si para si: Que diabo é isto? — E' a miseria e a desgraça respondeu uma voz!

*

* *

Todas as cobras inspiram desusado terror, e isto é logico, mas algumas ha, que além de sua nefanda peçonha, arrostam a *taxa* de amaldiçoadas. Assim é a cobra de duas cabeças, e aquelle que fôr mordido, si não morrer, fica cego e aleijado... Foi a cobra que quiz morder N. S. e por isto ficou cega.

A que mais damnos causa, disimando rebanhos, causando estragos enormes e bastante conhecidos, é a famosa cascavel, por-

tadora dum chocalho, aviso salvador ao viajante incauto.

Pois esta cobra é o diabo!...

Innumeras são as pessoas que têm atravessado um páu na sua cabeça, e no dia seguinte nem rastro...

Ai daquelle que quizer matal-a á traição, e o que cortar sua cabeça não poderá passar pelo mesmo lugar, pois passam-se annos e annos e ella espera pela vingança! Serve ainda como testemunha em algum juramento, como prova de que se falla a verdade, pois do contrario os effeitos seriam pessimos.

Cascavel faça ninho... si... etc., é a expressão usual e corrente.

Tylor lembrando a grande influencia dos animaes sobre a mentalidade das raças inferiores, aponta o juramento dos Ostyales deante os tribunaes russos sobre uma cabeça de urso; porque o urso, diziam elles, sabe tudo e nos mataria, etc. (23)

Entre nós, longe, é verdade, o exaggero a tal ponto, entretanto quanto é vulgar: Cascavel faça ninho... si... e faz mesmo, diz o povo!

(23) Tylor, ob. cit. Vol. 2 pag. n.º 301.

*

* *

Finalmente, chegamos ás superstições communs, aquellas que vemos diariamente serem postas em pratica.

Sendo a parte mais abundante, é tambem a mais sombria, e por ella podemos aquilatar o estado d'alma de nosso povo.

A medicina *sympathica* e os maleficios, se quadram nesta divisão, e parece necessario dizer de passagem, quaes os grandes propulsores; o curandeiro e o feiticeiro.

Geralmente, ao se tratar de nossas praticas supersticiosas dá-se o titulo muito generico de feiticeiro, como encarnando em si, ambos os typos; entretanto tal não se dá, e existe differença, pequena si quizerem. Um, o curandeiro, trata de seus remedios, de suas curas, *meizinhas*, charopadas, etc., etc., um charlatão na accepção pura da palavra, mas sem intuitos maleficos apezar de muitas vezes serem os remedios funestos... O outro, o feiticeiro, vive quasi exclusivamente do mal e para o mal.

Consciente ou inconsciente, vive sempre afastado do convivio de todos, e procura at-

trahir a seu redor, uma atmospherã de espanto e terror.

A começar por suas roupas exóticas, barbas e cabellos crescidos, ainda vemos o grande arsenal de immundicies, com que enfeita sua choupana.

Aqui, encontramos esqueletos de animaes, buzios, sapos, pennas amarradas com fitas, certas hervas, cobras, tudo, tudo emfim.

Este sim, presta-se mediante pagamento, ás praticas mais abjectas, como a ruina do vizinho, a morte de alguẽm, e todo este rosario de miserias que sempre notamos.

Assim pois, feita esta pequena advertencia, daremos todas as superstições englobadamente, sendo certo que longe estamos de ter esgotado o immenso filão de que ellas provêm.

Como um simples ensaio, uma generalisação, creio que já encontramos o bastante. Mais tarde, si a estrella me fôr propicia, com a continuação de minhas pesquisas, e tambẽm com o advento de maiores conhecimentos, darei uma idéa mais completa.

De um modo absoluto, contento-me com o pouco feito, porém, quando faço a comparação desta ninharia com a grandeza ainda

quasi virgem do “folk-lore” brasileiro, entristeço e a unica salvação é recorrer á indulgencia de meus leitores.

CURA DE INGUA — A mais usada, e que occupa uma extensão geographica maior, é a seguinte: ao deitar-se, levanta-se a perna e apontando-se as telhas vãs diz-se uma, duas, tres, ingua nenhuma, repetindo tres vezes. Ou então “toca-se com o pé em cada pedra da trempe do fogão, dizendo de cada vez: tres, duas, uma, ingua nenhuma”. (24)

“Para cura das inguas passam por tres vezes sobre as mesmas a faca em cruz.” (25)

A menos usada foi consignada por Pereira da Costa, e eil-a:

“Minha estrella,
Minha ingua diz
Que viva ella
E morra vós;
Mas eu digo
Que viva vós
E morra ella.” (26)

(24) Gustavo Barroso, Terra do Sol, pag. 156.

(25) Leoncio Oliveira, Vida Roceira, pag. 24.

(26) Pereira da Costa, “Folk-lore Pernambucano”, pag. 18.

*
* *
*

DENTE ARRANCADO — Quando arrancam um dente, para que lhes nasça um outro bom e forte, sacódem ao telhado, dizendo:

“Mourão, mourão
Pêga teu dente podre
E me dá um são.

Em Portugal, segundo Leite de Vasconcellos, diz-se:

“Em louvor de S. João
Toma lá o meu dente podre
Dá-me cá um são.” (27)

SOLUÇÃO — Para a cura do soluço, toma-se um copo d’água, e entre cada gole diz-se: ‘Soluço vae, soluço vem, traz a nova de meu bem. Existe uma outra formula mais complexa, menos usada, e em forma de dialogo.

(27) Cfr Paul Sebillot, *Le Folk-lore*, pag. 229.

Doente :

“Que bebo?
 Agua de Christo
 Que é bom para isto”. (28)

*

* *

ARGUEIRO — Quando cáe um argueiro
 no olho de alguém, diz-se:

Corre, corre cavalleiro
 Vae na porta de São Pedro
 Dizer a Santa Luzia
 Tire este argueiro do meu olho.

(VAR)

Dizer a Santa Luzia
 Que me mande um lencinho
 Para tirar este argueiro. (29)

Leite de peito de mulher também é bom,
 contanto que o filho seja macho.

(28) S. Romero, Cantos Populares do Brazil, VIII.

(29) Idem, ibi, pag. IX.

*
* * *

VERRUGAS — Para a cura das verrugas, colloca-se uma pedra de sal no fogo e corre-se. Ouvindo-se o estálo não se fica bom, do contrario a cura será rapida.

*
* * *

ESPINHA NA GARGANTA — Si se engasgam com uma espinha, mudam o prato em que comem para o lado opposto, ou comem um pouco de farinha. A mais usada, porém, é a oração a S. Braz:

“São Braz, bispo
Escrivão de Christo
Obedeça
Suba ou desça.”

Sylvio Roméro recolheu outra oração, e transcrevo-a porque se encontra quasi com as mesmas palavras na Hespanha.

“Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rota;
Senhor São Braz
Disse a seu moço
Que subisse
Ou que descesse
A espinha do pescoço.” (30)

São Braz é também o protector das doenças da garganta na Hespanha, e diz Rodríguez Marin: “Conta o Martiriologio que, praticando a medicina São Braz Capadocio, foi nomeado bispo, e entre outros prodigios, livrou a um menino de uma espinha.

Desde então, exerce o protectorado contra as molestias da garganta.

Oração:

Hombre bueno
Mujé mala
Seron roto
Arbarda mojâ

(30) S. Romero, ob. cit. pag. VIII.

Curarme la garganta
Senó San Blas. (31)

*
* *

DORES DE DENTE — Santa Apollonia é a protectora contra as dores de dente.

Resa-se uma “Salve Rainha” sobre o queixo do paciente e ficará bom.

Em Portugal é a mesma santa quem protege e ha uma quadrinha:

“Benzo-te Deus, lua-nova
Com todos os teus crescentes
Que eu peço á Santa Apollonia
Que me livre de dor de dentes”. (32)

*
* *

ASTHMA — Servem-se de remedios exóticos e perigosos para a cura de certas doenças. Para asthma, mas sem que o doente saiba,

(31) R. Marin — Cantos Populares Españoles, Vol. 1 pag. 444.

(32) Leite de Vasconcellos, Trad. Pop. de Portugal pag. 20.

fazem um chá de baratas ou um caldo de ratos. A pessoa ficará boa, (dizem) mas si algum dia souber, a molestia voltará.

Conheci um italiano no Ceará que tomou uma destas xaropadas e considerava-se bom!

Na Parahyba, “cortam-se as unhas dos pés do doente e embrulham-se em um panno; em seguida mandam que uma pessoa estranha enterre o pequeno embrulho, depois do que o doente ficará restabelecido. Mas si o curado vier a saber quem foi a pessoa que fez o enterro das unhas, está tudo perdido, voltará a molestia incontinenti!” (33)

Em Portugal, “as creanças com asthma devem trincar um peixe em dia de São João” (34) e em França “manger une souris guérit de la coqueluche.” (35)

*

* *

CARNE DE RAPOSA — A carne de raposa é aconselhada ás pessoas que tenham tido

(33) A. J. Freitas, Superstições do Norte do Brazil.

(34) Leite de Vasconcellos, ob. cit. 140.

(35) Eugène Rolland, Faune Populaire de France, pag. 31.

congestão. Em Portugal, diz o Sr. Leite Vasconcellos, o figado do mesmo animal é bom para certa doença. (Qual ?)

*
* * *

INFLAMMAÇÕES — Para inflammações, amarra-se no braço, ou na perna uma correia de couro de veado, e para tirarem um espinho ou vidro que se tenha encravado no pé, collocam na parte doente um pulmão de lagartixa e amarram.

*
* * *

FEBRES — Contra as febres malignas, os curandeiros applicam um chá, cuja agua é fervida com chifres pisados de carneiro.

Na França, "on fait avec les cornichons du cerf par la distillation, ce qu'on appelle *l'eau de tête* ou de *crû de cerf*; c'est un remède souverain pour faciliter l'accouchement, et contre les fièvres malignes". (36)

(36) Eugène Rolland, Faune Populaire de France, pagina 31.

*

* *

COBREIRO — Uma doença que o povo chama cobrelo ou mais commummente *cobreiro* dada a sua similhaça com uma cobra, é tratada pelo povo não só com as suas mezinhas especiaes, como tambem por orações adequadas. Crê o povo — crença quasi universal — que quando as duas extremidades se encontram, correspondendo a cabeça e á cauda, o doente sucumbirá.

De passagem, não será absurdo fazer uma ligeira consideração; existe certa prevenção com os circulos predizendo sempre infortunios ou desgraças.

Assim, quando uma pessoa está atacada de maleitas, sezões, é a sua *passarinha* que está crescendo, e as extremidades tendem a encontrar-se; quando isto se der, si o mal não for *atalhado*, é um homem liquidado.

Si as pontas do arco-iris se encontrassem, o mundo se acabaria, etc.

Uma das orações mais conhecidas entre a nossa gente para a cura do cobrelo, é a seguinte:

- “Pedro, que tendes?
 — Senhor, cobreiro
 “Pedro — curai
 — Senhor, com que?
 “Aguas das fontes
 Hervas dos montes.” (37)

Existe tambem uma outra bastante usada no Ceará, na qual o dialogo se passa entre Jesus e José. O curandeiro ou resador, entremeia com palavras cabalisticas, incompreensiveis, misturando *padre-nossos* e *ave-marias* acompanhadas por cruces sobre a parte doente. Antes de enumeral-a, talvez não seja absurdo dizer que é uma transplantação da Ilha dos Açores, soffrendo profundas modificações, e apresentando-se muito mais resumida entre nós.

Eil-a :

- “Jesus ia mais José,
 Todos dois por um caminho.
 “José, que é que tu tens?
 — Tenho um fogo, tenho um cobro
 “Pois José te curaria
 Padre-Nosso, Ave-Maria”.

(37) S. Romero, ob. cit. VIII.

Versão Açoriana:

“Jesus ia mais José,
Por um caminho iam ambos
Jesus pergunta a José:
— Oh! José, porque não andas?

“Senhor porque vou doente
De um fogo, e de um cobro!
— Anda, que eu te curarei
C’o agua da fonte que corre;

E com a folha do monte,
E tambem com o pó da guia,
Em nome de Deus,
E da virgem Maria
E o cobro te sararia”. (38)

Na Vida do Padre José de Anchieta pelo padre Pedro Rodrigues, ha uma passagem em que, achando-se um irmão da companhia atacado desta molestia, tratou-se segundo as instruções do Padre José, as quaes não differem muito do que o nosso povo ainda hoje repete.

(38) Cantos Populares Açorianos, pag. 157, e vide Pereira da Costa, “Folk-lore Pernambucano”, pag. 128.

“Ha uma grave doença, diz o Padre Pedro Rodrigues, que chamam vulgarmente cobrello ou colubre, a qual dando com grandes dores na parte direita, vae cingindo uma pessoa pela cinta com um vergão de um dedo, a qual chegãdo a ponta á ponta, não ha, ordinariamente mais remedio de vida.

Desta doença ia maltratando um Irmão nosso, por nome Francisco Dias acompanhando o Padre José, no fim do anno de 77 em o navio, e chegando á Capitania de Porto Seguro, por não haver ali remedios humanos, nem quem lhes soubesse applicar, determinou de se entregar só á Divina Providencia e remedios espirituaes e assim pediu ao Padre José lhe fosse o dia seguinte dizer uma missa a nossa Senhora da Ajuda.

Respondeu o Padre: “Untae-vos primeiro com azeite da lampada do Santissimo Sacramento, que não se agravará a mãe de pedir primeiro soccorro o filho.”

E assim se fez e logo abrandou algum tanto a dor..

No dia seguinte foi-se o irmão lavar na agua da Fonte de Nossa Senhora (?) e logo se desfez e desapareceu o cobrello, e a dor cessou, etc.”

Tylor a respeito, diz que muitas pessoas, nas ocasiões de dores, crentes que é mesmo uma cobra que se enrosca por sobre o corpo, affirmam ver a serpente..

*

* * *

MORDEDURA DE COBRA — Afim de se preservar das mordeduras de cobra, o sertanejo traz amarrado ao pescoço um dente de jacaré.

Atravessando porém um capinzal, lança mão de uma oração:

“São Bento, agua benta, Jesus Christo no altar, arredai todo bicho feroz que estiver no meio do caminho, que eu quero passar. Si encontrarem uma cobra no momento em que nada tenham para matal-a, servem-se de um lenço, e dão tres nós dizendo: Presa por ordem de São Bento.”

Crêm que ella não sairá dali viva.

“On emploie, diz Sebillot, contre les bêtes redoutées une sorte de mimetisme en relation analogique avec leur forme ou avec celle d'un animal qu'elles redoutent.

Les paysans de l'Ouest enroulent leur tablier ou leur mouchoir, ou même le tordent

en forme de reptile, quand ils aperçoivent un serpent, et lui disent: “Je t’endors, belle demoiselle, je t’endors,” (39)

EXPERIENCIAS DE INVERNO — As experiencias para o inverno são varias. A mais importante e conhecida é a de Santa Luzia feita a 13 de dezembro, seu dia.

Sylvio Roméro traz: “Para si experimentar si o anno será secco ou chuvoso, costuma-se tirar a *prova de Santa Luzia*, que consiste em collocar-se um bocado de sal em uma vasilha na vespera do dia da santa, em lugar enchuto e coberto. Se o sal amanhecer molhado, choverá, ao contrario não. (40).

Esta experiencia muito usada no Ceará, não é feita entretanto como narrou o autor supra citado, “collocando-se em uma vasilha certa quantidade de sal”; tomam elles uma taboa, escrevem os nomes dos seis mezes da epocha chuvosa, e correspondendo a cada um, uma pedra de sal.

(39) Paul Sebillot, *Le Folk-lore*, pag. 160..

(40) S. Romero, *ob. cit.* X.

Assim, não somente elles deduzem si o anno terá bom inverno, como tambem qual dos mezes será mais chuvoso.

A experiencia dos 6 primeiros dias de janeiro, em que cada um corresponde a um mez da epoca invernosa, é da mesma maneira muito usada.

Observam tambem, certos animaes, e por elles fazem as suas previsões; as guaribas, dizem, quando mudam-se para as serras é signal de proximas chuvas e quando as formigas collocam muita terra nas bordas do formigueiro, é bom signal tambem.

Antecipam-se um anno, e si durante a *Semana Santa* chover bastante, o inverno futuro será bom; do contrario, escasso. Começado o inverno si os *matapastos* florarem ainda pequenos, o inverno está a findar-se.

*

* *

COBRA PRETA — A crença de que a cobra preta mama nos peitos das mulheres gravidas, é por demais arraigada não só entre as classes incultas, como nas outras. Ouvi muitas vezes este relato da propria boca das mulheres, que diziam terem sido desmamadas

pela cobra; esta, dizem, aproveita a occasião em que a parturiente dorme, e si porventura a creança chora, dá-lhe a ponta do rabo, que serve então como peito.

Esta crença existe em Portugal, e a sua transmissão deve se ter dado nos primeiros tempos da colonização, porquanto já Frei Vicente do Salvador em sua Historia do Brasil (1500-1627) dizia:

“Tambem me contou uma mulher de credito na mesma Capitania de Pernambuco, que estando parida lhe viera algumas noites uma cobra mamar em os peitos, (não diz cobra preta, mas a esta é que a tradição popular dá tal propriedade) o que fazia com tanta brandura, que ella cuidava ser a creança, e depois que conheceu o engano disse ao marido, o qual a espreitou na noite seguinte e a matou.” (41)

*

* *

SANTO ANTONIO — Santo Antonio é o padroeiro para fazer achar os objectos per-

(41) F. V. do Salvador, H. do Brasil, pag. 43, ed. 1918.

didos, e é communissima a expressão dou *des réis* p'ra Santo Antonio si achar tal cousa.

Além d'isto, faz-se o *Responcio*, e crêm que depois de ser feito com fé e olhando para uma bacia com agua, verão onde está o objecto, si foi perdido, e o ladrão, si foi roubado. São ingratos, porém para com seu padroeiro, pois achando o que procuram, em lugar de agradecer-lhe, dão tres vivas a São Lino ou Linguinho.

Contam que as seccas datam desde quando Santo Antonio faltando com seus milagres, foi posto amarrado em uma jangada, tendo a seu lado uma saca de farinha.

Os Santo Antonio mais milagrosos são aquelles que foram achados.

Um homem vindo duma viagem, notou que havia perdido 200\$000; ficou muito afflicto e formulou a seguinte promessa: "Meu padroeiro Santo Antonio si achar meu dinheiro, dar-lhe-hei a metade.

Nisto, virou o rosto e notou que o dinheiro estava junto a si; querendo fugir ao promettido, exclamou, tambem Santo Antonio nem uma brincadeira dispensa... e o dinheiro sumiu-se!...

*
* *
* *

ORIGEM DO PORCO — O porco é um animal amaldiçoado, porque foi a criação da colera divina, transformando uma judia com seus sete filhos em uma porca.

Eis como narram a sua origem: No tempo que Jesus Christo andava pelo mundo a pregar sua doutrina, um judeu chamando seus comparsas combinou: “Vamos enganar o Christo; eu hoje quero ver si elle é mesmo Deus”.

Chamou sua mulher com os sete filhos, trancou-os em um quarto, e foi para a porta esperar que Christo passasse; não tardou, e entrando com elles, perguntaram-lhe: quem está dentro deste quarto?

Não passa, disse Jesus, duma porca com sete *bacorinhos*. Foi muito apupado, mas ó que decepção, ao abrirem a porta encontraram o que dissera Christo; eis o motivo porque os judeus não comem carne de porco!

“Os Lapões, diz Sebillot, não comiam

carne de porco, crendo que estes animaes tinham servido de montaria aos magos”, (42)

*

* *

ORIGEM DA CÔR DOS HOMENS — No começo do mundo todos os homens eram negros, e Deus achando muito triste aquelle estado, criou uma fonte e disse-lhes: “Ali tem uma porção d’agua e os que se lavarem nella ficarão brancos.”

Os mais ligeiros banharam-se primeiro e ficaram alvos, os que em segundo lugar chegaram, ficaram morenos, e os ultimos só encontraram um restinho d’agua muito suja, só tendo tempo para molhar os pés e as mãos, porque a agua acabou-se.

Eis porque os negros têm as plantas dos pés e as palmas das mãos mais alvas do que o resto do corpo.

Esta crença muito conhecida pelo nosso povo, tem grande analogia, ou melhor é identica a uma que corre na Guyana Franceza.

“Os negros da Guyana contam que outr’ora todo o mundo era negro.

(42) Sebillot, ob. cit. pag. 164.

O bom Deus, que muitas vezes vinha á terra, vio um dia tres irmãos pranteando seu pae que havia morrido.

Elle lhes disse então que havia preparado uma fonte cuja agua podia embranquecer a pelle, caso elles se quizessem banhar dentro.

O mais velho não quiz experimentar; o segundo disse: é preciso ver; o terceiro se banhou e quando sahio estava branco e bello.

Quando o seu irmão do meio o viu, correu á fonte mas a encontrou suja e banhou o corpo que se tornou vermelho e foi o Indio. O mais velho acorreu por ultimo, mas só as palmas das mãos e as plantas dos pés tocaram a agua e elle ficou negro.” (43)

*

* *

A ALMA É UMA LAGARTA — Crêm que a alma é uma lagarta, e que esta sae á noite si tiver sêde; é uma crença muito generalisada, e existe até uma lenda.

“Dois amigos caçando, fatigados deitaram-se perto de um rio, á sombra de uma oiticica, e adormeceram.

(43) Sebillot, ob. cit. pag. 175 e vide J. Ribeiro, O Folk-lore pag. 86.

Mais tarde um delles acordando, notou que uma lagarta se approximava de seu companheiro que dormia, e procurava entrar pela boca aberta; de subito, com uma pancada matou-a e em seguida, debalde foram os seus chamados ao amigo, pois este não acordou mais; estava morto!...

*

* *

FOGO-FATUO — () fogo-fatuo é considerado como “visagem”, espirito errante, alma penada, apparecendo ás vezes com intuitos maus; é chamado commumente *Batatão* e tambem *Baetátá*, nome este mais usado no sul do paiz.

Em Portugal, o fogo fatuo “são alminhas” para repetir a expressão pittoresca de Theophilo Braga.

Para a perpetuação desta crença entre nosso povo, não tinhamos necessidade de influencia extranha, sendo como era, conhecida por nossos selvagens, e creio ter sido José Anchieta, o primeiro a dar noticias sobre tal assumpto.

“Ha tambem outros, maxime nas praias, que vivem a maior parte junto do mar e dos

rios e são chamados Baetátá, que quer dizer, *res ignis*, o que é o mesmo como se dissesse *ò que é todo fogo*.

Não se vê outra cousa de noite, sinão um facho scintillante correndo d'aqui para ali, acomette rapidamente os Indios, e mata-os exactamente como os *Corupiras*."

*

* *

LOBIS-HOMEM — Pelas lendas e contos, commumente se observa a facilidade com que certas pessoas "encantam-se", isto é, tomam a forma de animal ou cousa desejada, uns pelos poderes naturaes, pela livre vontade, por um *dom*, e outros por influencia externa como castigo, etc.

No primeiro plano, vemos um caso bastante conhecido, notado e estudado: a lycantropia.

E' um caso, diz João Ribeiro, "da transformação do homem em lobo, que se funda realmente num estado de loucura melancolica e religiosa, caso pathologico bem averiguado desde os medicos antigos." (44)

(44) João Ribeiro, O Folk-lore, pag. 36.

Com effeito, os individuos opilados, os *come-longe*, são tidos como *viradores de lobis-homem*, na genuína expressão popular.

A imaginação do povo, entretanto, recebendo de geração em geração estes conhecimentos de eras remotissimas, vae transformando segundo as condições do meio, fundindo com resquícios de outras superstições, augmentando aqui, eliminando ali, de forma que, quando entre nós se fala em *lobis-homens*, vêm logo á mente uma corrente de factos não existentes, parece-me, em outras partes.

Assim, o individuo *tarado* ou *fadado* procura uma encruzilhada e ahi se dá a transformação; apparece sómente de quinta para sexta-feira e arma de fogo ou cacete não o pegam, sendo porém, vulneravel por uma faca bem curta e forte; os cachorros fogem espavoridos, e o lobis-homem não se approxima do boi, etc., nem mesmo dos curraes, pelo facto de (diz o povo) ser um bicho abençoado.

Tal a encenação como se apresenta entre nós o *lobis-homem*, vindo depois a *porca-molle*, a *burra de padre* ou *mula sem cabeça*, *corpo secco*, etc., etc.

A *burra de padre* é a transformação da mulher que em vida *relacionou-se com seu zigarro*; tem por sina correr sete cidades todas

as noites que sae, e anda sempre em carreira desabrida, soltando, diz o povo, rinchos pavorosos, mas com que, se ella não tem cabeça? Encontrando sêr humano, mata-o de coices, livrando-se aquelle que ao perceber-a, enconder as unhas.

A *porca-molle* é a transformação daquelle que praticou acção indigna com irmã ou filha, e sob esta forma, tendo os membros desconjuntados, vae arrastando-se a soltar gritos terriveis!...

*
* * *

CHIFRE DE BOI — Collocam geralmente enfiados nas estacas dos roçados, chifres de boi para livrar a plantação das lagartas e do mal olhado.

Esta pratica supersticiosa é muito usada em Portugal e na Africa, achando-se bastante disseminada entre nós.

“Um chifre grande, espetado num tronco de uma grande arvore tendo em volta o terreno limpo e pizado, uma trepadeira a enlear esta arvore e uma cabaça e panella suspensas de um outro tronco, constituem um monu-

mento dedicado a um idolo denominado *Muata Calombo*". (45)

*

* * *

GALLINHA AGOURENTA — Quando uma gallinha canta como o gallo, deve ser morta immediatamente porque annuncia desgraça. E' uma das crenças bem observadas e existe até um dictado:

Mulher que assovia
Gallinha que canta,
Corta-se a garganta

Em Portugal, "quando uma gallinha canta como gallo, deve matar-se porque é um agouro muito mal".

"Gallinha que canta como gallo
Põe o dono a cavallo." (46)

Existe tambem esta crença na Hespanha, Italia e diz Bernoni que "quando la galina

(45) H. A. D. de Carvalho, ob. cit, pag. 245.

(46) Pedroso, ob. cit. N.º 173.

canta de galo, la ciama disgrazie o morte e bisogna tirarghe el colo". (47)

Remontando a uma civilização mais antiga, vemos na Persia o mesmo costume: "Nam in Persia si gallina fit gallus, ipsa infaustum diabolum" (48)

*

* *

OBJECTO PERDIDO — No acto do desaparecimento de qualquer objecto, e á procura de se descobrir o verdadeiro ladrão, o methodo é simples.

Toma-se uma peneira (a nossa classica urupema) suspensa por um fio, e dá-se-lhe impulso com uma tesoura; enquanto gira, vão-se invocando *todos os santos da côrte do céu* e pronunciam-se os nomes daquelles sobre os quaes recaem as maiores suspeitas, sendo que, ao pronunciar-se o nome do verdadeiro ladrão a urupema pende completamente!...

(47) D. G. Bernoni, *Credenze popolari veneziane*, pag. 21.

(48) A. Gubernatis, *Mithologie Zoologique*, Vol. 2 pag. 296.

E' necessario dizer que os resultados são sempre negativos, mas o uso já está tão inveterado, que não é possível o povo inculto e supersticioso abandonal-o facilmente.

Como e donde nos veio este uso? Basta lermos Tylor e teremos a resposta.

"... Dizemos que o acaso, ou a direcção impressa pelo experimentador pôde produzir precisamente o phenomeno que se observava em um dos processos de vaticinios mais ordinarios da antiguidade classica e da idade media, a coscinomançia, ou, como ella é chamada em *Hudibras* "o oraculo do crivo e das tesouras, cujo movimento é tão seguro quanto o das esferas."

O crivo era suspenso por um fio ou pela ponta de um par de tesouras enfiadas em *sua* margem, e se punha a voltar, oscillar ou *cahia* no nome do ladrão ou dava signaes semelhantes em outras circumstancias, etc., etc. (49)

Sendo de origem antiquissima, conforme ficou demonstrado, não ha duvida que nos foi transmittido pelos colonisadores; estes, ainda fieis ao rito antigo, poderiam usar do crivo si o houvesse, mas em caso de falta, procuravam uma cousa que mais se assemelhasse e que

(49) Tylor, ob. cit. Vol. 1 pag. 150-151.

fosse cheio de pontinhos... Ora, a nossa urupema servia magnificamente e por causa tão insignificante o povo não podia ficar impossibilitado de saber qual a comadre que furtára a gallinha...

*
* *

ESTRELLA CADENTE — Quando veem uma estrella cadente dizem: Deus te guie! e aquelle que notar e nada disser, corre perigo; além disto, commette um peccado, pois pôde ser alguma alma penada...

Já em São Paulo se dá o contrario; quem a vê nada diz, para “não ficar linguarudo ou indiscreto, e para não lhe nascer verrugas nas pontas dos dedos” (50)

Esta crença é universal, e de Portugal herdamos até as mesmas palavras (51)

*
* *

REMOINHOS — Crêm geralmente que os remoinhos (ridimunhos) são dirigidos por

(50) Leoncio Oliveira, *Vida Roceira*, pag. 32.

(51) Vide Sebillot, *ob. cit.* pag. 114.

seres diabolicos, almas penadas e de assassinos, carregando estes as suas victimas nas costas, e quem abaixar-se e olhar por entre as pernas, vel-os-ha.

Exorcismam quando passa com estas palavras:

Aqui tem Maria! Aqui tem Maria!

Em Portugal ha diversas maneiras de exorcismar o demonio que vem no remoinho. (52)

*

* *

ARCO-IRIS — O arco-iris, ao qual attribuem beber a agua das nuvens ou mesmo do rio, tem a propriedade, dizem, de mudar o sexo ás pessoas que passam por baixo delle.

*

* *

TROVOADAS — O trovão é a manifestação da colera divina; para aplacal-a, queimam algumas palhas bentas recebidas por occasião do Domingo de Ramos.

(52) Leite de Vasconcellos, Trad. Popular de Port. 46.

Este costume nos foi sem duvida transmittido pelos portuguezes, pois lá “para aplacar as trovoadas, queimam ramos bentos ou tóco de cera benta (que cresce do candieiro das trevas). (53)

*
* * *

RELAMPAGOS — Quando relampeja, valem-se de Santa Barbara muito conhecida como protectora contra os raios em Portugal, Hespanha, França e Italia.

Chagas abertas
Coração ferido
Sangue de Jesus Christo
Nosso Senhor
Entre nós e o perigo.

E' uma oração muito usada para estas occasiões, sendo de origem portugueza, e afasta-se com ligeira differença da que se usa além-mar:

(53) Leite de Vasconcellos, Trad. Pop. de Portugal 46.

“Chagas abertas, chagas cerradas, sangue derramado de Nosso Senhor Jesus Christo, se metta entre nós e o perigo”. (54)

*

* *

CONTAR ESTRELLAS — Não se devem contar as estrellas, porque tantas se contem, quantas verrugas nascerão nos dedos.

Em Portugal “é mal contar as estrellas, porque nascem verrugas na mão” (55) e na Hespanha nascem no rosto. (56)

*

* *

NUVENS CARREGADAS — Por mais carregada que se mostre uma nuvem, nunca dizem preta e chamam sempre azul. Contam que um dia um amigo disse para outro: “Fulano, olha como o céu está preto de chuva” e logo uma voz se ouviu: “preta está a tua alma no inferno”.

(54) *Idem, idem, ob. cit., pag. 65.*

(55) *Pedroso, ob. cit. pag. 77.*

(56) *V. Folk-lore Andaluz.*

*
* *

MANCHAS DA LUA — As manchas da Lua têm diversas interpretações entre todos os povos com diferentes escalas de civilização; para o sertanejo é São Jorge que montado em seu burrinho persegue a serpente, e no dia que ella for morta, acaba-se o mundo.

*
* *

POMBOS — Os pombos são agourentos e trazem atrazo nos bens das pessoas que os criam.

*
* *

BEIJA-FLOR — Beija-flor com o rabo em forma de tesoura a voejar pelas casas, e urubú a pousar sobre os tectos, são maus prenuncios.

*
* *

GALLOS — Os gallos têm a propriedade de afugentar o “capirôto” mormente quando

são pretos; cantando porê m fô ra de horas, é signal de desgraça.

*
* * *

TEIAS DE ARANHA — As teias de aranha nas casas commerciaes indicam riqueza, e quando alguém se cortar, colloca sobre o golpe um pouco de sua teia para não inflamar!

*
* * *

MATAR SAPOS — Quem matar um sapo, deve deixal-o sem um signal de vida siquer, pois do contrario, á maneira que o animal fosse morrendo, o seu algoz definharia.

Em Portugal, “aquelle que matar um sapo, se elle não ficar bem morto, vae de noite ter á cama de quem lhe fez o delicto (Porto) ou vae lá urinar (Penafiel).” (57)

*
* * *

(57) Leite de Vasconcellos, ob. cit. 142.

AS COBRAS — Quando as cobras vão beber, para que não sejam victimas de seu proprio veneno, deixam escondida numa folha sua peçonha! Si porventura, alguém tirar-lh'a, quando ella vier e não encontrar, tão damnada fica que morrerá.

Em Portugal é tambem corrente esta crença, porém lá ellas deixam sobre pedras!

*
* *
.

CORVO — Corvo grasnando no telhado é indicio de morte, e rola cantando no mesmo local, é tambem agouro.

*
* *

GALLINHA — A gallinha é amaldiçoada porque ciscou o leito de Jesus, e a vacca é abençoada porque aqueceu o leito do mesmo; o burro não tinha mancha no corpo, porém desde a fuga da sagrada familia para o Egypto, ficou com duas perto do pescoço, no logar onde foi collocada a sella.

*

* *

URUBÚ-REI — Os corvos têm o seu chefe o urubú-rei e quando apparece algum animal morto, os outros se acercam, mas não começam o repasto, emquanto S. M. não chega; come sómente a lingua e os olhos, retira-se e os outros começam o festim...

*

* *

VEM! VEM! — O grito de um pequeno passaro que elles interpretam *Vem! Vem!* é indicio de alguma noticia bôa ou má. “Entre os negros da Gambia é agoureiro o grito de um pequeno passaro; *Vem! Vem!*” (58)

*

* *

LAVANDEIRA — A lavandeira é um animal sagrado e não se deve matar, porque lavou a camisinha do menino Jesus.

(58) Sebillot, ob. cit. pag. 156.

Em Portugal “é peccado matar-se as lavadeiras (aves) porque lavaram os pés de Jesus Christo, quando estava na cruz”. (59)

*

* *

A SOLHA — A solha tem a boca atravessada, porque um dia Nossa Senhora perguntou-lhe: “Solha, a maré enche ou vasa?” e ella querendo arremedar, entortou a boca e repetiu: Solha, a maré enche ou vasa?

— Assim fiques toda a vida, disse Nossa Senhora. (60)

*

* *

CUSPIR NOS CÃES — Não se deve cuspir nos cães porque depois de nossa morte, na longa travessia que se fará até chegar á casa de São Miguel, onde serão julgadas as nossas almas, sentimos uma grande sêde e neste longo percurso só encontramos a casa de São

(59) Pedroso, ob. cit. N.º 50 e vide Sebillot, Paganisme Contemporain, pag. 340.

(60) Vide Th. Braga, Contos Trad. do povo português, Vol. 2 pag. 160 e Sebillot, Le Folk-lore, pag. 152.

Lazaro; ahi, si não cuspiamos nos cães, somos servidos com agua boa e fria, e ao contrario, somos acossados por dentadas implacaveis...

*

* *

RABO DE GATO — Quem pisa no rabo de um gato, está sentenciado a não se casar; livra-se porém, pegando o animal e atirando-o á parede.

*

* *

GALLINHA SEM FÉL — São unanimes em affirmar que os pintos, cujos ovos foram deitados na sexta-feira santa, nascem sem fél.

*

* *

MATAR URUBÚ — E' rarissimo matar-se um urubú a tiros, porque crêm que a arma não terá jámais boa pontaria.

*

* *

PESADÊLOS — Os pesadêlos são tidos

como sêres sobre-naturaes, que á noite vêm tolher a respiração, empatar que a pessoa que o sente, dê gritos, e enfim fazer soffrer as creaturas, tendo-se a impressão que se vae morrer; para afugental-o, é bastante collocar-se sob o leito uma faca ou uma tesoura aberta.

*
* * *

CABAÇA REVELADORA — Quando morre alguém afogado, soltam uma cabaça com uma vela accesa, e ella pára em cima do cadaver submerso.

Em Portugal, “é costume para procurar o afogado, deitar á agua uma vela benta accesa, espetada numa cortiça; a vela anda, anda, até encontrar o morto, e em o encontrando, pára” (61)

Aqui, nota-se a transformação imposta pelo meio; não temos cortiça, mas como o fim é da vela parar em cima do cadaver, servimo-nos da *cabaça* ou *combuca*, que desempenha bem a incumbencia!

(61) Leite de Vasconcellos, ob. cit. pag. 80.

*

* *

MANCHA DOS SIRIS — Pretendem que uma mancha existente nas costas dos siris, seja a de Nossa Senhora quando atravessou o mar.

*

* *

FORMIGAS ASSANHADAS — Quando as formigas estão assanhadas, denunciam dinheiro para o dono da casa, ou é signal de chuva.

*

* *

INFLAMMAÇÃO DO PESCOÇO — Quando lhes sobrevem alguma inflammação no pescoço, si for homem amarra em volta uma meia de mulher e vice-versa.

*

* *

FECHAR A MALA — A mesma pessoa que

abrir uma mala deve fechal-a, pois do contrario será prenuncio de uma morte breve.

*
* * *

MENINO PAGÃO — Quando uma creança morre sem estar baptizada, crêm que sete annos depois de morta chorará e aquelle que ouvir, deverá dizer, lançando agua, as palavras sacras: Eu te baptizo, etc.

Antes de entrar no céo, a creança passará pelo purgatorio, afim de vomitar o leite que mamou.

*
* * *

CREANÇAS ANÃS — E' crença geral e observada, não se passar por cima das creanças para não lhes tolher o crescimento; assim, tambem não se collocam sobre suas cabeças, peneiras, "urupêmas" para que não fiquem anãs. Por cima de pessoa grande não se passa, porque as "ruindades" se mudam...

*
* * *

URINAR NA REDE — Quando os meninos

têm o habito de urinar na rêde, as mães fazem uma trouxa, e elles vão tomar abenção ao padrinho; feito isto, é um costume acabado.

*
* * *

CHINELLOS EMBORCADOS — Chinellos emborcados e roupa ao contrario, são maus prenuncios, sendo aquelles quanto aos bens, e esta quanto á saude.

*
* * *

AGUA DE JANEIRO — E' um tanto usado dar-se agua da primeira chuva de janeiro a uma creança recém-nascida, para que venha a fallar de pressa.

*
* * *

A VOZ DA MORTE — Quando ouvem uma voz chamar por seu nome e não vêm ninguém, gritam: já vou! Crêm ser a voz da morte e com estas palavras livram-se de suas garras.

*
* * *

DORES DE CABEÇA — Si têm dores de cabeça, queimam uns fios da varanda da rêde e cheiram; ou então, pregam á testa uns fios de linha ou mesmo panno, com tanto que sejam encarnados.

*
* * *

ESPINHAS REBELDES — Para espinhas rebeldes, um pouco de cêra do ouvido, ou a primeira agua da lavagem do arroz.

*
* * *

O UMBIGO — O umbigo tem certa relação sympathica com a creança; assim é que geralmente enterram junto ás porteiras dos curraes, para a felicidade do dono. (62)

(62) Cfr. Sebillot, *Le Folk-lore*, pag. 196.

*
* * *

COCEIRA NA MÃO — Coceira na mão é signal de presente a receber. Em Portugal, Pedroso registrou: “Quando se sente cocegas na palma da mão, é signal de dinheiro”.

*
* * *

TRESE PESSOAS — Quando se sentam em uma mesa trese pessoas, uma dellas ha de morrer..

Em Portugal, “é de mal agouro estarem sentadas trese pessoas numa mesa, porque morre a mais velha ou a mais jovem.

Segundo outra versão, morre o dono da casa”. (63)

*
* * *

SEXTA-FEIRA SANTA — Beber leite na sexta-feira santa é peccado, e aquelle que

(63) Pedroso, ob. cit. n.º 155.

tentar fazel-o, em vez de tomar o que pensa, beberá sangue.

*
* *

PESSOAS MESQUINHAS — O povo crê que todas as pessoas mesquinhas e que tomam o que dão, ficam corcundas.

Dictado:

Quem dá e torna a tomar
Vira a corcunda p'ro mar.

Em Portugal subsiste a mesma crença, e vemos tambem um dictado:

“Quem dá e torna a tirar
Ao inferno vae parar”. (64)

Na Hespanha, vemos pelo mesmo motivo:

“Quien da y quien quita
A la gloria maldita.” (65)

(64) Leite de Vasconcellos, ob. cit. *passim*.

(65) R. Folk-lore Andaluz.

*

* *

CAMISA AO INVERSO — Vestir camisa ao contrario ou qualquer roupa, é agouro.

Em Portugal, vestir a camisa ao inverso, sem saber, é signal de presente. (66)

Na Hespanha existe esta superstição com o mesmo sentido que em Portugal.

*

* *

ORELHA VERMELHA — Quando a orelha esquerda está muito vermelha, é signal de que alguém está fallando mal.

Em Portugal, “quando a orelha esquerda está muito encarnada, é signal de que estão fallando mal. Para evitar que continue, é bom dobrar a camisa tres vezes no peito. Assim como se dobra a camisa, assim se dobra a camisa de quem diz mal.” (67)

(66) Pedroso, ob. cit. pag. 418.

(67) Idem, ib. n.º 67.

*
* * *

O CEDRO — O cedro antigamente era a madeira mais pesada do mundo; desde porém que Christo carregou a cruz feita com esta madeira, ficou muito mais leve.

*
* * *

FIM DO MUNDO — O mundo será destruido pelo fogo; antes do diluvio, quando duas pedras se chocavam, pelo attrito sahia agua.

Hoje, quando se chocam, saem fagulhas.

*
* * *

CHORAR NO VENTRE — Quem chorar no ventre de sua mãe, advinhará tudo, si não lh'o disserem antes dos sete annos.

Em Portugal, “quando uma criatura chora no ventre de sua mãe, é signal que ha

de ser muito feliz, sempre que a mãe não o diga antes dos sete annos.” (68)

Na Hespanha, “quando un niño llora en el vientre de la madre es señal que sabrá mucho y acertará todas las cosas. Si la madre lo dice antes de los *siete* años se le *quita la virtud al niño...*” (69)

*

* *

OLHAR-SE — O olhar-se á noite no espelho, é ruim, vê-se o diabo.

Em Portugal, “quem se vê de noite em um espelho, com luz na mão, vê dentro do espelho, o diabo” (70) e “mirar-se ao espelho de noite, é ver o demonio.” (71)

*

* *

MANCHAS DA PELLE — Para as manchas da pelle, passa-se nellas um panno ainda não

(68) Pedroso, ob. cit. n.º 328.

(69) R. Folk-loze Andaluz.

(70) Pedroso, n.º 306.

(71) R. Folk-loze Andaluz.

lavado e atira-se á rua; a pessoa que apañhal-o ficará doente e vice-versa.

*
* *

BOCEJAR E ESPIRRAR — Quando bocejam, fazem uma cruz na boca para o diabo não entrar e quando espirram dizem: Ave Maria, Salve, etc.

Tylor sobre este ultimo assumpto, traz uma extensa comparação provando que em innumeradas nações da Africa, Asia e tribus da America assim como na Europa, sempre ha palavras numas, gestos de louvor ou temor noutras.

Para nosso povo, espirrar dentro d'agua é signal de saude, e para os rapazes sempre propensos á pandega, quando um companheiro espirra, dizem:

Deus te dê o que deu ao hóde,
Barba, *chifre* e bigode.

*
* *

NÓDOAS DE FRUTA — As nódoas produ-

zidas por frutas, só largarão no proximo anno, pela estação da mesma.

Na Hespanha, “las manchas de fructa que caen en las ropas, no desapparecen de éstas, hasta que concluye el tiempo de la fructa que produjo la mancha”. (72)

*

* *

MANCHAS NAS UNHAS — Manchas brancas nas unhas é signal de mentira.

Em Portugal, “quando apparece uma mancha branca nas unhas, é signal de regalo proximo...” e “quando apparece uma mancha branca nas unhas da mão esquerda é signal de mentira”. (73)

*

* *

MANCHAS DAS PEDRAS — As manchas brancas que apparecem nas pedras, parecidas com um caminho de formigas, dizem que é a marca das rodas do carro de São José quando andava pelo mundo.

(72) R. Folk-lore Andaluz.

(73) Pedroso, ob. cit. ns. 224 e 225.

“Des roues, diz Sebillot, des chars transportant le corps des saints ont marqué leurs traces sur le roc.” (74)

*
* *

ATRAVESSAR UM RIO — Ao atravessar um rio sacodem com as mãos um pouco de agua, lembrando assim de um modo directo as reminiscencias primitivas; outros, abdicando (inconscientemente) o paganismo, fazem o signal da cruz. (75)

*
* *

ASSOBIO FINO — Um assobio fino, tremulo e prolongado, são almas do outro mundo a pedir rezas.

*
* *

URINAR NO FOGO — Quem urinar no fogo, sécca e quem cospe fica tysico.

(74) Sebillot, *Le Folk-lore*, pag. 86.

(75) Cfr. Tylor, *ob. cit.* Vol. 2 pag. 274.

*
* *

CUSPIR ALGUEM — Quem cuspir no rosto de alguém, virá depois da morte lambar, para poder ter socego na terra dos mortos.

*
* *

CHEIRAR A COMIDA — Aquelle que cheirar a comida, a terra não comerá o nariz.

*
* *

CUMPRIMENTOS — Quando pessoas de diferentes sexos cumprimentam-se, entrecruzando-se, si são solteiros é signal de casamento.

*
* *

DINHEIRO — Sonhar com excremento é signal de dinheiro.

*
* *

MOSCA A VOEJAR — Si uma mosca anda a voejar em volta do rosto de alguém, é signal de visita.

*
* *

PESSOA MESQUINHA — Aquelle que é sovina, dizem que quando morrer a terra não chegará para cobrir-lhe a sepultura.

*
* *

FELICIDADE — Na casa em que um cachorro urinar na parede, é signal de dinheiro para o dono.

*
* *

PERDER UM OBJECTO — Quando se perde alguma cousa, é bom dizer: “Leva pelo amor

de Deus” porque se fôr arte do *Demo*, o objecto apparecerá.

*
* *

AGUA ESCURA — Quem sonha com agua escura é signal de morte; clara, vida.

*
* *

PESSOA ASSASSINADA — Tem-se como certo que assassinada uma pessoa, o meio de se descobrir o criminoso é collocar sobre a boca do morto uma moeda; o culpado não conseguirá fugir, e se porventura vier á presença de sua victima, jorrarão immediatamente sangue das feridas!

*
* *

CASAMENTOS — Após os casamentos, os noivos distribuem entre os convidados flores da grinalda; cada flor representa um anno, e o total, tantos annos que decorrerão para o presenteado casar-se.

*
* *

GUARDA-CHUVA — Abrir guarda-chuva dentro de casa é agouro e faz muito mal.

*
* *

QUALIDADES DE CACHORRO — Não se deve pegar no rabo dos cães para não ficarem ladrões. Para experimentar-se si elles são bons, levantam-nos segurando pelo couro do pescoço; si gritarem, não prestam.

*
* *

FOGO DA TERRA — O fogo da terra é tão frio em relação ao do inferno, que poderia apagal-o como a agua apaga o nosso!

*
* *

MARGENS DE UM RIO — Si alguém defecar nas margens de um rio, jámais suas aguas attingirão este lugar.

*
* *
.

CHAPÉO — A mulher póde entrar com o chapéo na igreja, porque não tem como o homem, uma cruz na cabeça.

*
* *

VARRER OS PÉS — Quando se varre os pés de uma pessoa solteira, esta não se casará. Em Portugal, “quando se varrem os pés de uma pessoa solteira, não se casa”. (76) Existe tambem na Hespanha.

*
* *

FALLAR SÓ — Fallar só, é estar fallando com o diabo.

Em Portugal, “quem falla só falla com o diabo” e “é mal fallar só porque responde o diabo. (77)

(76) Pedroso, ob. cit. N.º 154.

(77) Idem, ib. Nos. 416 e 454.

*

* *

PHOSPHORO — Quando se atira ao solo um phosphoro, e continua ardendo, é signal de longa vida.

Na Hespanha, “si ao atirar ao solo um phosphoro acceso, segue ardendo, annuncia dinheiro”. (78)

*

* *

BRINCAR COM FOGO — Quem brinca com o fogo, urina no leito.

Em Portugal, “os meninos que jogam com a luz, urinam de noite na cama”. (79)

*

* *

COSTURAR ROUPA — Não é bom costurar a roupa ou pregar um botão estando a mesma no corpo.

(78) R. Folk-lore Andaluz.

(79) Pedroso, ob. cit. N.º 77.

*
* * *

PORTAS — E' grande agouro as portas baterem com força; é espirito mau que anda em casa.

*
* * *

CUSPIR NO FOGO — Cuspir no fogo faz mal; secca a garganta.

“O bohemio considera uma impiedade cuspir no fogo, o fogo deus, como elle chama”. (80)

*
* * *

DORES DE CABEÇA — Quando o sol entra na cabeça produzindo dores, é preciso curar-se. Colloca-se uma toalha dobrada sobre a cabeça e reza-se: Jesus Christo nasceu, Jesus Christo morreu, Jesus Christo resus-

(80) Tylor, ob. cit. Vol. 2 pag. 370.

citou. Si estas tres palavras são verdadeiras vos farão sanar desta enfermidade.

Reza-se um credo, e repete-se a oração tres vezes.

Em Portugal, quando uma dor de cabeça é proveniente de um *ar ruim* de excommungado, a oração é identica á nossa :

Jesus Christo nasceu
Jesus Christo morreu
Jesus Christo resuscitou
E assim como é verdade
O Senhor me tire esta dor, etc. (81)

Quando estiver tocando o sino, se alguem encostar um cabello, elle racha.

Não é bom botar o cisco para a rua, pois leva a fortuna do dono.

A raiz da carnaúbeira só serve para remedio si estiver virada para o nascente.

Certas mãos tremendo o galho de uma arvore, a planta morrerá.

Cavallo do pé esquerdo branco, será bom, da mão branca, será ruim.

(81) Leite de Vasconcellos, ob. cit. pag. 53 e vide pag. 14 da mesma.

Quando a linha do pescador fica presa, elle bota cuspo de fumo, e desaparece o encantamento.

Não é bom dormir com os pés para a porta da rua, que indica morte.

Os ossos do menino pagão servem para feitiço.

O navio quando está para naufragar, dá gemidos.

Pentear o cabelo á noite, faz morrer o pae de quem se penteia.

Deixar os pés do defunto virados para dentro da casa, faz morrer outra pessoa breve.

Teravenca em casa, atrasa a pessoa.

Para uma visita desagradavel sair, colloca-se sal no fogo ou vira-se a vassoura.

Varrer de noite, faz achar dinheiro na rua.

Derrubar casa de maribondos, quebra pratos.

Fazer pão nos dias das ladainhas de Maio, o pão fica bolorento.

Quebrar espelho é signal de desgraça.

Besouro entrando em casa, visita; batendo na vidraça, visita amiga.

Perder uma luva, perder fortuna.

Sair arrastando um objecto, conquista.

Dar a um amigo um objecto cortante,
como canivete ou alfinete, corta a amizade.

Pendurar a roupa ás avessas, faz que na
doença o remedio não produza effeito.

Mulher comendo duas bananas juntas,
terá gemeos.

Chifre de boi no campo, afasta o de-
monio.

Vintem pregado no balcão, chama ou-
tros.

Levantar-se com o pé esquerdo, desgraça.

Mariposa entrando em casa, desastre.

Retrato caindo da moldura, mau signal.

Comichão na mão, dinheiro.

Casar-se em Agosto, desgosto.

Pão virado na mesa, ladrão.

Derramar sal na mesa, briga;

Derramar leite, doença;

Derramar vinho, alegria;

Derramar tinta, desgraça;

Derramar agua, lagrimas;

Duas pessoas falando a um tempo só a
mesma cousa, serão compadres.

Quatro pessoas cruzando as mãos na
despedida — é casamento desmanchado.

Encontrar por acaso duas colheres na
mesma chicara, casamento.

Mulher grávida que collocar uma chave no seio, dará á luz uma creança aleijada.

Sahir de casa e tornar a entrar é signal de contrariedade.

Beber, tendo na mão, uma luz, dá infelicidade.

Rezar a Salve-Rainha em pé, desastre.

Se a arvore que se plantou, crescer até a altura do tecto da casa, a pessoa que plantou, morrerá.

Entrar numa porta da casa e sair por outra, leva a felicidade.

Banco virado, dá atraso na vida.



ORAÇÕES

Para acalmar tempestade:

Lagrima do peito aberto
Coração de Deus ferido
Nos defendei de tempestade
E de todos os perigos.

Oração forte para preservar dos males:

Deus por mim e nada no mundo contra mim;
Livrae-me dos males que vou de viagem.

Rezam-se sete Padre-Nosso — sete Ave-Maria e sete Gloria-Patri e offerece-se ás Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

Oração para estancar sangue de um golpe, ferida ou de um tiro. A pessoa que reza, colloca a mão em cima e diz:

Sangue tin, tin, tin
Sangue toma teu lugar
Como Deus tomou o Altar;
Sangue torna ás tuas veias
Como Deus procurou a Ceia.

“Sangue tin, tin, tin”, quer dizer gottejante.

Oração para dor de dentes de pontada

A pessoa que reza, colloca a mão sobre o queixo, por cima do dente doído, dizendo:

Deus Nosso Senhor arrancou este dente de pontada, e Nossa Senhora com seu sangue e leite doces veio e curou esta dor de dentes de pontada.

Em seguida o curador reza um Padre Nosso, uma Ave-Maria e um Gloria-Patri, dizendo:

— Offereço á Nossa Senhora do Desterro, para desterrar esta dor de dente de pontada para as ondas do Mar Sagrado.

Para a dor de dente sem pontada é a mesma oração, supprimindo-se apenas a palavra “pontada”. Tem o mesmo offerecimento.

Rosario a Nossa Senhora da Conceição
— Padre-Nosso:

“Minha Nossa Senhora da Conceição, vós fostes aquella que dissestes pela vossa SS. e sagrada boca, que quem por vós chamasse 150 vezes ao dia o valeríeis. E’ chegada a occasião, minha Virgem da Conceição.

Ave-Maria: — Valei-me, minha Virgem da Conceição.

Offerecimento:

Minha Nossa Senhora da Conceição, arca da piedade onde tenho grande fé e devoção. Um dom vos dou e outro vos peço. (A pessoa pede tres graças).

Naquella hora propicia que vós entrastes no céo, calçada da lua, vestida do sol e coroada das estrellas e acompanhada dos anjos a quem vos peço e rogo se houver alguma má sentença contra mim e minha alma, neste mundo ou no outro, com vosso SS. e sagrado poder seja revogado. Valei-me minha Virgem da Conceição.

Oração a Santa Helena:

Reza-se um Padre-Nosso e tres Ave-Maria, e offerece-se á Sta. Helena. Deposito este Padre-Nosso e estas Ave-Maria aos pés de Sta. Helena para que ella me mostre em sonho (ahi diz-se o que se deseja). Mos-

traí-me casa caiada, água corrente, campos verdes e igreja aberta.

Faz-se esta oração de quinta para sexta, na hora de dormir, e depois de rezar-se não se falla mais com pessoa alguma.

Rosario de Sta. Rita:

Sae-se na rua com o rosario na mão, e nas contas do Padre Nosso reza-se:

“Rita sois dos Impossiveis, de Deus bem estimada, Rita sois minha intercessora, Rita bemaventurada.”

(Antes de rezar-se, diz-se o que se deseja e no trajecto, se alguém disser *sim* ou *não* é o que succederá).

Força do Credo:

(Para livrar-se de naufragio, tempestade, etc.)

“Salva fui, salva vim, salva estou.”

Na barca de Noé embarquei com São Pedro e 12 Apostolos meus irmãos. Lutei e sahi. Assim J. Christo trancará meu corpo com a sua Sagrada Chaga. — Amem.”

SÃO PEDRO

São Pedro representa de facto um importante papel em quasi todos os “folk-lores”, apparecendo, porém, sempre logrado, tolo, paspalhão.

O mestre devota-lhe grande amisade, e é o discipulo eleito com o qual *percorre todo o mundo*; ás vezes anda só com Christo, o que é mais commum, e raramente com toda a *troupe*.

Quer no primeiro ou segundo caso, São Pedro é quem sempre pega no “pau furado”, arrosta todos os perigos, faz todos os sacrificios, mas chega sempre tarde, ficando mais caréca á maneira que lhe vae cahindo “sal na molleira”.

Procura imitar o Senhor na *manufatura* dos homens, fazer milagres, equiparar-se, enfim, ao poder do seu superior.

E’ um homem que gosta do descanso, da paz, mansuetude, e si arrisca alguma cousa,

o intuito é alcançar o reino dos céos, donde é elle hoje o insigne chaveiro.

Talvez isto tenha contribuido fortemente para a propagação ou criação de lendas a seu respeito, pois o facto é que São Pedro para quem se dirige aos céos, é o primeiro a ser visto.

Veda a entrada de almas a seu bel-prazer, e quando está de mau humor, escancara as portas do céu, e manda diluuios...

O catholicismo de nossas classes, ainda que toque ás raias do fanatismo, não impede ou não põe um limite a este desregramento, a esta falta de respeito para com o bom velhinho.

São Pedro está sempre firme e sempre risonho, pois as preces que se elevam ao céu são transmittidas por elle a quem de direito, e ás vezes umas têm razão e outras não têm...

Por exemplo, um mortal achando-se com um argueiro no olho, e pedindo:

Corre, corre cavalleiro,
Pela porta de S. Pedro.
Vae dizer a Santa Luzia
Tire este argueiro do meu olho,

attende logo; mas com que cara elle, São Pedro, não dirá?

Santo Onofre, uma velha está pedindo um noivo!

Santo Antonio, na terra estão pedindo para descobrir o paradeiro...

São Raymundo Nonato?!...

A sua eterna ironia deriva-se, portanto, dahi, e, apesar de ser bom e meigo por natureza, é vingativo ás vezes.

Do batente para traz é de vocês, diz elle, mas aqui dentro é o Senhor São Pedro quem manda, e como um inspector de vehiculos vae apontando com a sua pesada chave o purgatorio, o inferno e os desvios...

*

* *

Muito interessantes são estas lendas a respeito de São Pedro, e convido ao leitor a fazer uma viagem com elle, que sem duvida não será massante, dados certos episodios, verdadeiros desopilantes.

Estamos em pleno mundo... Pedro sempre solícito, acompanha Christo para todas as partes; chegaram a uma encosta e o Senhor tomando um pouco de barro esculpio

uma figura humana e deu-lhe o sopro de vida.

Immediatamente marchou aquélle homem bem feito de corpo, bello, elegante.

São Pedro que prestára attenção, aproveitou o ensejo em que Christo estava descansando e dirigiu-se ao local com intuito de fabricar o seu homem...

Tomou do barro e modelou segundo as suas forças; por mais que lhe desse o sopro como Jesus, o barro ficava no que era.

Christo sentindo então a ausencia de seu discipulo, foi encontral-o muito atrapalhado, e assim que este viu seu Mestre, lançou-se aos pés pedindo perdão de sua desobediencia.

“Perdôo-te Pedro, porém darei vida a esta figura disforme, para que sempre te arrependas de tua falta”.

Deu-lhe então o sopro de vida, e aquella figura molle, desgonçada, encostando-se aqui e ali, saiu a cambalear: Era o matuto!

Em muitos paizes, diz Sebillot, (82) dois poderes rivaes concorrem á creação dos animaes; um, faz aquelles que são bellos, uteis e bons; o outro, os reputados inferiores, máus ou desprezíveis.

(82) Sebillot, Folk-lore, pag. 149.

Este dualismo se applica a diversas especies, desde os mammiferos até os invertebrados.

Algumas vezes o mau espirito quer imitar o modelo creado pelo sêr superior; na lenda iroqueza, este fabrica com o barro dois sêres á sua imagem, macho e femea, que elle anima em lhes soprando nas narinas; o espirito mau modelou dois pedaços de argilla, aos quaes deu a forma de homem; mas no momento em que lhe deu a vida, se transformou em macaco. (83)

Este dualismo, portanto, em que se manifestam o espirito superior e o intruso, é representado entre nós (sem remontar ás lendas indigenas) por Christo e São Pedro.

*
* * *

Existe uma outra lenda muito interessante a respeito de São Pedro; lendo a revista "El Folk-lore Andaluz" deparei com uma que se me afigura ser a fonte donde promanou a nossa, dadas as grandes similhaças entre ambas.

(83) Tylor, ob. cit. Vol. 2 pag. 415 in Sebillot.

Comparemol-as. *Versão Cearense:*

No principio do mundo, andava Jesus a pregar e era sempre acompanhado por seu discipulo amado — São Pedro.

Alta noite, já fatigados de uma longa jornada, encontraram uma casinha abandonada e ahi resolveram passar alguns dias em descanço.

Seus inimigos que os vinhm acompanhando, acercaram-se da casa, e deram uma grande surra no primeiro que encontraram junto á porta, que era por acaso São Pedro.

No dia seguinte, muito lastimoso, este disse: “Senhor, por piedade troquemos os logares, pois não quero levar outras pauladas caso venham os nossos inimigos”.

Acquiesceu o Senhor ao pedido de Pedro, e eis que á noite voltam seus desafectos.

Neste não, disseram elles, que já apañhou; vamos ao outro, e o pobre São Pedro supportou novamente uma grande surra.

Versão Andaluza: “Diendo de camino er Seño y San Pedro entraron en una posã la noche y antes e dormi se pusieron á rezá 'r rozario.

Ünos asituneros qu'estavan dormiendo 'n er pajá, le cayó malamente aquer runrun, y uno déyos pego una bo disiendo: “Quereis

cayarse? “Y en biendo que bieron que no lo jasian, jué y agarró un tranco y le pegó quatro palos á San Pedro, que jué ’r que salió á abri la puerta.

Y ba y dise ’r Seño... Compae Pedro, no hay más que tené pasensia y segui resando pâ ganâ ’r sielo.

Y sarta San Pedro: Pero Seño, le paese á usté sigula qu’ayegue otra be ese animá pâ que m’eslome? Y dise ’r Seño, dise... — Pos lo qu’es por eso no tengas cudiao, Perico, poi-que si guerbe á beni er der palo yo mesmo sardré á abri pâ que se trompiese cormigo. Resa que te resa, y otra bes el asitunero; ba y abre ’r Seño, pero como la bibienda estava argo escuriya, er tio aqué se figuro qu’er que salia á abri er mesmo de ántes, y le dise ar Seño.. “A ti ya t’he dao lena; ahora le toca ar qu’está etrás”..

Y jué y l’arrió otros cuatros palos ar pobre San Pedro.

*

* *

O povo não satisfeito ainda com o muito que tem inventado sobre São Pedro, entrou em sua familia a procura de *carne para o repasto*.

Não encontrando as classicas madrastras e sogras, serviu-se de sua mãe.)

Neste ponto, continúa inclemente, e em vez de apresentar uma velha bôa e caridosa, mostra uma meçêra, avára, ruim em todos os sentidos.

A lenda da mãe de São Pedro é conhecida em Portugal, Hespanha e Italia; pode ser e é provavel que exista em outras partes, mas não sei.

Limitando-me a essas tres partes ou melhor sómente a Portugal e á Italia, já alcanço o meu intento.

A lenda da mãe de São Pedro é conhecida no Brasil de norte a sul; no norte tal qual a portuguesa, e no sul (S. Paulo) si já era conhecida, recebeu a influencia italiana e modificou toda a sua estructura.

*

* *

Shematicamente: (84) São Pedro tem uma *mãe*; é *ruim* e *avára*.

Ella perdeu um dia uma folha de *cebolla*, e disse: "Fica-te ahi pelo amor de Deus".

(84) V. Th. Braga, Contos Tradicionaes, Vol. 1 pag. 220.

Morreu e Pedro quiz mettel-a no paraiso; Deus não consentiu allegando que sua unica bôa acção tinha sido uma folha de cebolla dada em seu nome.

Chegando a um accordo, São Pedro comprometteu-se a puchal-a pela mesma folha.

Quando a velha ia chegando á porta do céu, a *folha* rebentou-se e ella ficou entre portas.

Essa é a versão portugûesa, e como está ahi, — corre no Ceará.

No sul (S. Paulo) é tal a semelhança com a lenda siciliana, que não me furto ao prazer de transcrevel-as, para melhor o leitor formular um juizo, e ver como a influencia italiana é um facto.

*
* *
*

Era muito velhinha e má a mãe de São Pedro. (85)

Egoista, não fazia favores, nem prestava soccorros a ninguem.

Si lhe sobravam jantares, preferia vel-os mofar a atiral-os aos proprios cães.

(85) Leoncio Oliveira, *Vida Roceira*, pag. 55.

Por seu genio intratavel e mau, ao morrer não quiz Deus que São Pedro lhe abrisse á alma as portas do céu, condemnando-a por milhares e milhares de seculos, ás chammas purificadoras do purgatorio, benevolo castigo que impunha á velha em attenção ao filho. Appellou, porém, o santo porteiro para a misericordia divina e, após muitos rogos, permittiu Deus a entrada no céu, da alma da egoista velha, com a condição, porém, de subir por uma trança de cebolla que lhe seria lançada por São Pedro.

Agarrou-se a velha á fragil concessão; mas, como ás saias se lhe agarrassem as outras almas para tambem aproveitarem o divino favor, egoista como era, deu em pernear, não por medo da sobre-carga, mas, por não querer que subissem com ella as outras, e tanto perneou que, por fim, estalou ao meio a trança.

Voltou São Pedro á presença de Deus e rogou-lhe nova trança, mas o Eterno negou-se formalmente a dar-lh'a; afinal, por muita intercessão de Jesus forneceu-lhe apenas tenra folha de cebolla.

Deante de tão fragil meio assustou-se a mãe de São Pedro; agarrou-se, porém, a elle, jurando a si mesma nem siquer bolir por não

rebutal-a, mas o seu egoismo a perdeu: ao sentir que as outras almas se lhe agarravam ás vestes, entrou a escoiceal-as e rebentou a fragil folha de cebolla pela qual deveria subir ao céu.

Versão italiana — O apóstolo São Pedro tem ainda uma mãe mais maltratada que elle. A mãe de São Pedro era uma mulher avára, ruim, que não dava siquer um real aos pobres.

Um dia em que a megéra expurgava umas cebollas, offereceu uma folha a um pobre que lhe pedia uma esmola; foi a unica bôa acção praticada em toda a sua vida.

Morreu e foi para o inferno. São Pedro, chaveiro do paraíso, estando um dia á porta, ouviu estas palavras: Ah! Pedro, meu filho vê como me acho! Pede ao Mestre para tirar-me desta miseria.

— Senhor, minha mãe está no inferno e vos pede para sair.

— Tua mãe? Mas ella não fez nenhum bem!

Sua unica bôa acção durante toda a vida, foi uma folha de cebola que deu a um pobre.

Aqui tens, portanto, a mesma folha.

Dize-lhe que se apegue numa extremidade, e pela outra pucha-a para o paraíso.

Um anjo desceu com a folha e disse: Segurari bem! Ella se poz firme, mas as outras almas se apegaram ás suas vestes, e ella começou a escoiçar, a puchar o vestido e então a folha rebentou-se... (86)

(86) R. Deux Mondes, 1875, pag. 843.



ADIVINHAS

Um dos divertimentos tão de molde de nossa gente, é sem duvida o das adivinhações.

Costume que remonta á mais alta antiguidade, e que continúa enraizado na alma do povo, não poderia, nem será jámais extirpado, qual seja o grau de civilização adquirida.

E nestas longas noites, nestas noites brilhantes como tem o Norte, constitue um dos melhores passatempos assentar-se ao terreiro, fazer-se uma *róda*, e passar-se horas a fio a destrinçar os enigmas propostos por uns e por outros.

Alguns são apresentados com uma feição impudica, e a resposta é innocente, como segue o exemplo:

“Mana vamos fazer
Aquillo que Deus consente

Juntar pêlo com pêlo
Deixar o pelado dentro.

Esta adivinha tem como solução, *fechar os olhos*.

Esgotando-se o repertorio das sabidas, inventa-se, engendra-se, e nestas composições forçadas, a maior parte, é o componente quem decifra!

Outras ha, que não seriam jámais interpretadas por pessoas estranhas ao costume da terra, e á sua linguagem.

O copo por exemplo, mas não o copo civilisado, o copo de salão.

E' o classico côco, sempre pendurado á parede, preso pela extremidade, e ao qual o povo chama *canéco*.

“Alto está
Vto móra,
Todos beijam
Ninguem adora.”

Outras são especies de pégas:

O que é, o que é

Vae a um canto e faz có, có, có?

— Gallinha!

— Pois m... p'ra quem tanto adivinha.

Emfim, o numero de adivinhações é enorme, e mesmo sem estudo comparativo, uma vez todas juntas, será uma immensa caudal; comparando-as, veremos que as mais simples, aquellas que julgavamos producto exclusivo de nosso povo, são geraes, são do mundo, são o patrimonio da humanidade.

Vejamos algumas:

Sou macho no nome,
Femea no parecer
Com os arrochos que me deram
Macho tornei a ser.

— Resposta é *leite* e o povo explica:
— macho no nome, leite; femea no parecer, coalhada; com os arrochos que me deram, refere-se ao acto de imprensar-se e fazer-se o queijo.

*
* *

No mato está calado, em casa está batendo.

— Pilão.

No mato está batendo, em casa está calado.

— Machado.

Enche uma casa, mas não enche uma mão.

— Botão.

Mel sem ser de abelha, *lan* sem ser de carneiro, e cia (!) sem ser de sella, o que é?

— Melancia.

Tem pés mas não anda
Olhos mas não vê
Azas mas não vóa
O que é?

— Carnaubeira.

Cabeça de páu, bucho de ferro, tripas de fogo, o que é?

— Espingarda.

Tringo, tringo, lingo, lingo
Entre as pernas está bolindo?

— Almofada com bilros.

Sou fino e sou grosso
Sou pesado e maneiro (leve)
Sou filho do algodão
Sou feito de carreira

— Tarrafa.

Quanto mais cresce, mais perto do chão
fica, o que é?

— Rabo de cavallo, etc.

Me chamo *Ana*
Sem ser baptisada.
Nasci de touceira
Sem ser bananeira

— Ananaz.

Sou verde como folha
Sou alvo como papel
Sou preto como carvão
Sou doce como mel?

— Ata, pinha (casca, carne, caroços,
e o gosto).

Minha mãe é verde
Eu sou encarnada.
Minha mãe é mansa
Eu sou damnada?

— Pimenta.

Dois irmãos *irmanados*
Um se come crú, outro assado?

— Cajú e a castanha.

Cresce como o vento
Tem filhos como centos;
Quando se tira um,
Lágrimas de leite chora?

— Mamão.

No verão é gordo
E no inverno é magro?

— Pedras.

Sem entrar agua
Sem entrar vento,
Tem um poço
Dagua dentro?

— Côco.

Com capa não anda,
 Sem capa não póde andar
 Para andar, bota-se a capa
 Tira-se a capa p'ra andar...

— Pião.

Esta adivinha encontra-se na Hespanha,
 com quasi as mesmas palavras:

“Me pongo la capa para bailar,
 Me quito la capa para bailar
 Yo no puedo bailar sin la capa
 Y con capa no puedo bailar (87)

Capa sobre capa,
 Do mais fino pano
 Só adivinharás
 Si eu te disser

— Cebola.

Em Hespanha:

Capilla sobre capilla
 Capilla del mismo paño

(87) Fernan Caballero, Cuentos oraciones e advi-
 ñas, pag. 267. Cfr. — R. Marin, Cantos Populares Es-
 pañoles, V. 1, pag. 275.

Como yo no te lo diga
No lo aciertas en el año (88)

Mana, lá vêm nossos paes
Paes de nossos filhos
Maridos de nossas mães
Maridos nossos são.

— Dois que enviuvaram e se casaram
com as respectivas filhas.

Em Hespanha :

Alli vienem nuestros padres,
Maridos de nuestras madres.
Padres de nuestros hijos
Y nuestros propios maridos (89)

Verde foi meu nascimento
E de luto me cobri
Para dar gostos ao mundo
Nos ares me consumi.

— Fumo.

(88) Fernan Caballero, ob. cit., pag. 267. Cfr. —
R. Marin, ob. cit. V. I pag. 233.

(89) Fernan Caballero, ob. cit. pag. 458. Cfr. —
R. Marin, ob. cit. V. I pag. 307.

Quatro na lama
 Quatro na cama
 Dois parafusos
 E um que abana.

— Vacca.

Em França :

Quatre allants
 Quatre à lait
 Deux voyants
 Deux fichets. (90)

O que é, o que é
 Antes de ser já o é? (91)

— Pescada.

Venho em quem não nasceu
 A mãe delle trago na mão
 Si o branco faz seu ninho
 Para beber deste vinho
 Tomai-me por devoção
 Dizei-me esta adivinhação.

(90) Eugène Rolland, *Devinettes, énigmes, etc.*, pag. 22.

(91) Cfr. R. Marin, *ob. cit.* V. I pag. 215 n.º 403.

— Uma egua prenha morreu; do couro do filho que ainda ia nascer, cobriu-se a sella, e do couro da egua fizeram-se as rédeas.

Uma caixinha de bom parecer
Não tem *carapina* que possa fazer (92)

— Ovo.

Quem faz não logra,
Quem logra não vê,
Quem vê não deseja
Por bonito que seja

— Caixão de defunto.

Em Hespanha:

El que la hace, la hace cantando,
El que la busca, la busca llorando;
El que la disfruta no la ve.

Que cosa es? (93)

(92) R. Marin, ob. cit. V. I pag. 243 N.º 504.

(93) R. Marin ob. cit. Vol. I Pag. 285 N.º 808.

Em França :

Celui qui la fait n'en a besoin ;
Celui qui la fait faire ne la veut pour soi,
Et celui pour qui est faite ne s'en soucie. (94)

Tem dentes mas não come
Cabeça sem ter queixo
E barba sem ser homem?

— Alho.

Em Hespanha :

Tiene dientes y no come ;
Tiene barbas y no es hombre (95)

O que é, o que é
De dia com a barriga cheia
E de noite está com fome?

— Sapatos.

Vemol-a em Hespanha :

(94) Eugene Rolland Ob. cit. pag. 119.

(95) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 232 N.º 502.

De dia llenos de carne
Y por la noche con la boca al aire. (96)

Em França:

Qu est-ce qui est vide la nuit
Et le jour plain? (97)

O que é, o que é
De dia estão unidos
E de noite estão brigados?

— Colchete.

Em Hespanha:

Un matrimonio
Muy igualito,
De dia juntos
De noche repartidos. (98)

Alto está
Alto móra
Todos me vêm
Ninguem me adora

(96) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 255 e Cfr. pagina 362.

(97) Rolland, ob. cit. pag. 65.

(98) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 257 N.º 648.

— Relogio da torre.

Em Hespanha :

Alto me veo
Como una mona;
Todos me cren,
Nadie me adora (99)

O que é, o que é
No chão não se mata
Cae n'agua se estraga?

— Papel.

Em Hespanha :

Cae de una torre y no se mata;
Cae en agua y se desbarata (100)

O que é, o que é
Quando anda, pára
E quando pára, anda?

— Amolador e a sua machina (101)

(99) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 277 N.º 769.

(100) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 281 N.º 788.

(101) Cfr. Rod. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 294
Numero 856.

Qual é a ave que não tem penna?

— Ave Maria.

Em Hespanha :

Adivina por fortuna

Qual es el ave que no tiene pluma (102)

Casa caiada
Bonina amarella
Todos vão nella
E gostam della?

— Igreja.

Casa caiada
Bonina amarella
Todos vão nella
E não gostam della?

— Cadeia.

Cincoenta e cinco soldados
Todos cabem numa mão

(102) V. Rod Marin, ob. cit. Vol. I pag. 300

Os cincoenta pedem *ave*
Mas os cinco pedem pão?

— E' um terço de oração.

Em Hespanha :

Cincuenta damas
Y cinco galanes;
Ellos piden pan
Y ellas piden aves (103)

O que é, o que é
Nagua não se afoga
No fogo não se queima?

— *Sombra.*

Em Hespanha :

Que cosa es cosa
Que entra en el agua y no se moja?
No es sol ni luna
Ni cosa ninguna. (104)

(103) Rod-Marin ob. cit. Vol. pag. 300 N.º 889.

(104) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 302 N.º 899.

O que é, que Deus nunca viu,
 O rei uma vez ou outra
 E o *homem* todo o dia?

— Seu semelhante, igual.

Vemol-a em França:

Qu'est-ce que Dieu ne voit jamais,
 Un roi rarement
 Et un paysan souvent? (105)

Em Hespanha:

Vió el pastor en la montaña
 Lo que el rey no pudo ver,
 Ni el pontifice eu su silla
 Ni Dios con su gran poder.
 Tampouco lo puede ver. (106)

O que é, o que é,
 Não foi hontem,
 E' hoje,
 E não será amanhã?

— Hoje.

(105) Eugène Rolland, *Devinettes ou enigmes*
 pag. 109.

(106) R. Marín, *ob. cit.* Vol I pag. 305 N.º 918.

Em França:

Qu'est-ce qui n'était pas hier,
Qui est aujourd'hui
Et ne sera pas demain. (107)

O que é, o que é
Uma arvore com doze galhos;
Cada galho tem seu ninho,
Cada ninho tem seu passaro,
Casa passaro tem seu ovo,
Cada ovo tem seu nome?

— Anno.

Em Hespanha:

Un arbol con doce ramas,
Cada una tiene su nido,
Cada nido siete pájaros
Y cada cual su apellido (108)

(107) Rolland, ob. cit. pag. 1.

(108) Red. Marín, ob. cit. Vol. I pag. 190 N.º 262.

O que é, o que é,
Capellinha branca
Sem porta, nem tranca?

— Ovo.

Em Hespanha :

Una iglesia blanca
Sin puerta ni tranca;
No entra nella luz ninguna,
Ni de vela, ni de sol, ni de luna (109)

Campo grande
Gado meúdo
Moça formosa
Homem carrancudo.
O que é?

— Céu, estrelas, lua e sol.

O que é, o que é
Cae em pé
Corre deitado?

— Agua.

(109) Rod. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 210 n.º 274.

O que é, o que é
Corre dia e noite
E nunca tem descanso?

— Rio.

Vemol-a em França :

Dis-moi de grace qui est la chose
qui nuit et jour ne se repose?

O que é, o que é
Quanto mais se tira
Mais cresce?

— Buraco.

Em Hespanha :

Qué cosa será,
Y es de entender,
Que cuanto más le quitan
Más grande és? (110)

Em França :

(110) Rod. Marin, ob. cit. Vol. I, pag. 305.

Qu'est-ce qui devient plus grand à mesure
qu'on ôte (111)

Campo branco
Sementes pretas
Cinco arados
E uma chaveta.

— Papel escripto.

Em diversas partes ha esta adivinhação,
porém, a que mais se aproxima da nossa, é a
gallega :

Leira blanca,
Semente negra,
Cinco cabezallas
E uña chavella. (112)

Joga-se p'ra cima é prata,
Cae no chão é ouro
O que é?

— Ovo.

(111) Rolland, ob. cit. pag. 13.

(112) Demófilo, in Rod. Marin, Vol. I pag. 373.

Em França:

Qu'est-ce qu'on jette blanc et qui retombe
jaune? (118)

O que é, o que é:

Minha comadre, me empresta seu redondo p'ra metter meu comprido?

— Não, compadre; o meu está pellado, o da vizinha está mais encabellado.

— Um homem pediu para collocar o seu cavallo (comprido) em um cercado (redondo). Não havia pasto (pellado), mas no da vizinha havia com abundancia (encabellado).

Vemos em França uma com muita similhaça á nossa:

Me permets-tu de mettre mon poilu dans ton tondu?

— Mon âne dans ton pré (114)

(113) Rolland, ob. cit. pag. 33.

(114) Rolland, ob. cit. pag. 17 e 19.

O que é, o que é,
 Quatro pés, em cima de quatro pés
 Espera quatro pés;
 Quatro pés não vem, quatro pés vae embora
 E quatro pés fica?

— Um gato trepado em uma cadeira,
 espera um rato.

Na França, a mesma adivinha apresenta-se com muita similhaça:

Quatre pattes sur quatre pattes,
 Quatre pattes qui attend quatre pattes
 Quatre pattes ne vient pas
 Quatre pattes s'en va, quatre pattes restent (115)

Qual é o bicho que tem mais coragem?

— E' a mosca.

Em França:

Quelle beste est la plus hajardeuse?

(115) Idem.

— La mouche car elle vient à table
des rois (116)

Qual é a planta que os cegos conhecem?

— E' cançansão e urtiga.

Na França:

Quelle est la plante que les aveugles con-
naissent (117)

— L'ortie.

O que é, o que é
N'agua nasci
N'agua me criei
Si me botarem n'agua
N'agua morrerei.

— Sal.

Mana, vamos fazer
Aquillo que Deus consente,
Juntar pello com pello
Deixar o pellado dentro.

(116) *Idem*, pag. 43.

(117) *Idem* pag. 58.

— Fechar os olhos.

Vemos em França :

Nous allons nous coucher
Nous ferons ce que vous savez,
Nous mettrons poils contre poils
Et le rond au milieu (118)

O que é, o que é
Sempre fechada,
Sempre molhada?

— A lingua.

Em França :

Qu'est-ce qui est toujours mouillé
Quoiqu'abrité? (119)

O que é, o que é
Vae e vem e não muda de lugar?

— A porta.

(118) Rolland, ob. cit. pag. 43.

(119) Idem, ob. cit. pag. 72.

Em França :

Qu'est-ce qui va et vient et ne change pas de place? (120)

O que é, o que é
Crú não existe
E cosido não se come?

— E' a cal.

Em França :

Qu'est-ce qui ne se trouve point cru, et ne se mange cuit? (121)

Qual é o bicho de quatro pés que quando presta serviço á gente, vira-se as costas p'ra elle?

— E' a cadeira.

Em França :

Quelle est la bienfaitrice au service de laquelle en tourne le dos? (122)

(120) *Idem*, ob. cit. pag. 76.

(121) Rolland, ob. cit. pag. 76.

(122) *Idem*, ob. cit. pag. 82.

O que é, o que é
 Tem o corpo por fóra
 E a camisa por dentro?

— A véla :

Em França :

De qu'es acó? de qu'es acó?
 Qu'o la car defora
 E la camisa dedins? (123)

O que é que todos os dias faz a volta da casa,
 e vae esconder-se no canto?

— E' a vassoura.

Em França :

Qu'est-ce qui fait le tour de la chambre et re-
 vient toujours dans son petit coin? (124)

O que é que tem os dentes nas *costaneiras*?

— E' o pente.

(123) *Idem*, ob. cit. pag. 79.

(124) *Idem*, ob. cit. pag. 84.

Em França:

Qu'est-ce qui a le corps entre les dents? (125)

O que é que se bota na mesa, parte-se e não se come?

— E' o baralho.

Em França:

Qu'est-ce qu'on met sur une table, qu'on coupe et que ne se mange pas?

— C'est un jeu de cartes (126)

Eram tres companheiros; tinham cinco rolas numa arvore, *cada qual* matou uma, quantas ficaram?

— Quatro. Um se chamava *cada qual*.

Na Hespanha vemos tambem uma que tem por base esse trocadilho.

(125) *Idem*, ob. cit. pag. 90.

(126) *Rolland*, ob. cit. pag. 151.

Cuatro peras en un plato,
Cuatro frailes á comerlas;
Cada cual comió la suya
Y quedaron, tres enteras (127)

O que é, o que é
Come pela barriga
E bota pelo espinhaço?

— Cipillo.

Em Hespanha:

Bicho bichongo,
Come por la barriga
Y c... por el lomo. (128)

(127) R. Marin, ob. cit. Vol. I pag. 306 e vide Rolland, ob. cit. pag. 126.

(128) Idem, idem, ob. cit. Vol. I pag. 274 Numero 749.

I N D I C E

	PAGS.
Introducção	I
Superstições	5
Orações	85
São Pedro	89
Advinhas	101



EMPREZA GRAPHICA EDITORA
Paulo, Pongetti & C.
RIO DE JANEIRO — 1926





UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06221 7495

BOUND

MAY 31 1928

UNIV. MICH.
LIBRARY

